



**Susana Rita Azevedo
Silva**

**Conceção de itinerário de turismo religioso para a
cidade de Valongo**



**Susana Rita Azevedo
Silva**

**Conceção de itinerário de turismo religioso para a
cidade de Valongo**

Relatório de projeto apresentado à Universidade de Aveiro para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Gestão e Planeamento em Turismo, realizada sob a orientação científica da Doutora Maria João Carneiro, Professora Auxiliar do Departamento de Economia, Gestão e Engenharia Industrial da Universidade de Aveiro

Dedico este trabalho aos meus pais, irmão, Óscar e Dogba pelo incansável apoio.

o júri

presidente

Prof. Doutora Maria Celeste de Aguiar de Eusébio
professora auxiliar da Universidade de Aveiro

Prof. Doutor Manuel António Brites Salgado
professor adjunto da Escola Superior de Turismo e Hotelaria de Seia, Instituto Politécnico da Guarda

Prof. Doutora Maria João Aibéo Carneiro
professora auxiliar da Universidade de Aveiro

agradecimentos

Agradeço à Professora Maria João Carneiro, pelo incansável apoio e disponibilidade, e à Doutora Paula Machado, Diretora do Museu Municipal de Valongo, pelas suas orientações.

palavras-chave

Turismo religioso, itinerários religiosos, Valongo.

resumo

O turismo religioso está em clara ascensão, uma vez que os turistas cada vez mais procuram produtos autênticos, que neste caso aliam a experiência cultural e espiritual.

Ao longo dos tempos, o clero foi um grande possuidor de poder e riqueza, o que transparece nos edifícios monumentais construídos para aquele organismo. Uma significativa quantidade de património construído, visitado por turistas é de natureza religiosa, o que significa que não só as pessoas com algum tipo de religião visitam o património religioso, mas também pessoas interessadas no seu valor arquitetónico e cultural.

A literatura científica indica que o que mais atrai os turistas religiosos em termos do património religioso é, sem dúvida, o facto dos imóveis se tratarem de locais sagrados, ou seja, um local associado a algo divino. É, no entanto, também relevante o estado de conservação do local, a sua vertente histórica, artística e cultural.

Na cidade de Valongo, o património cultural existente é, na sua grande maioria, de cariz religioso, possuindo Valongo 21 capelas, 6 cruzeiros, 2 calvários e 7 igrejas.

O objetivo deste projeto foi criar um itinerário que integrasse património religioso e que permitisse interligar a cidade de Valongo com a cidade do Porto. Foi então criado um itinerário sob o tema das lutas liberais. Esta temática foi escolhida tendo em conta a grande importância destas lutas para ambas as cidades. Com este itinerário pretende disseminar-se os visitantes do Porto para Valongo e, consequentemente, os benefícios da atividade turística para este território.

keywords

Religious tourism, religious itineraries, Valongo.

abstract

The religious tourism is clearly on the rise, as tourists increasingly seek authentic products, which in this case combine cultural and spiritual experience.

Over the years, the clergy was a large holder of power and wealth, which is reflected in the monumental buildings constructed for that body. A significant amount of built heritage, visited by tourists are religious in nature, meaning that not only people with some kind of religion visit the religious heritage, but also people interested in its architectural and cultural value.

The scientific community indicates that what most attracts religious tourists regarding heritage is, undoubtedly, the fact of buildings being sacred places, sites associated with something divine. However, it's also relevant the conservation status of the site, its historic environment, art and culture.

In the city of Valongo, the existing cultural heritage, is mostly religious. Valongo has 21 chapels, 6 cruizers, 2 ordeals and 7 churches.

The aim of this project was to create a route that included religious heritage and that ensured an interconnectedness between the city of Valongo and the city of Porto. A route was then created under the theme of liberal fighting. This theme was chosen taking into account the great importance of these struggles for both cities. The objective of creating this route is to disseminate the visitors of Porto to Valongo and, consequently, the benefits of the tourism activity to this territory.

ÍNDICE

1. INTRODUÇÃO	1
2. TURISMO RELIGIOSO	3
2.1. INTRODUÇÃO	3
2.2. CONCEITO TURISMO RELIGIOSO.....	3
2.3. PROCURA DO TURISMO RELIGIOSO: MOTIVAÇÕES E DIMENSÃO DO MERCADO.....	6
2.4. OFERTA DO TURISMO RELIGIOSO	9
2.4.1. IDENTIFICAÇÃO DA OFERTA DO TURISMO RELIGIOSO	9
2.4.2. FACTORES DE COMPETITIVIDADE DO PATRIMÓNIO ARQUITECTÓNICO RELIGIOSO.....	11
2.5. ITINERÁRIOS RELIGIOSOS.....	16
2.6. CONCLUSÃO.....	17
3. VALONGO.....	21
3.1. INTRODUÇÃO.....	21
3.2. CARACTERIZAÇÃO GERAL DE VALONGO.....	21
3.3. CARACTERIZAÇÃO HISTÓRICA DO CONCELHO.....	22
3.4. CARACTERIZAÇÃO TURÍSTICA DO CONCELHO DE VALONGO.....	29
3.4.1. PATRIMÓNIO.....	29
3.4.1.1. PATRIMÓNIO NATURAL.....	30
3.4.1.2. PATRIMÓNIO CULTURAL EDIFICADO.....	30

3.4.1.3. EVENTOS.....	32
3.4.1.4. GASTRONOMIA E ARTESANATO.....	32
3.4.2. ALOJAMENTO TURÍSTICO.....	35
3.4.3. ACESSIBILIDADE.....	35
3.5. CONCLUSÃO.....	35
4 - VIAGEM ÀS BATALHAS LIBERAIS.....	37
4.1. INTRODUÇÃO.....	37
4.2. METODOLOGIA DE DEFINIÇÃO DO ITINERÁRIO PROPOSTO.....	38
4.3. AS LUTAS LIBERAIS	38
4.4. ITINERÁRIO “VIAGEM ÀS BATALHAS LIBERAIS”	40
4.5. CARACTERIZAÇÃO DO PATRIMÓNIO DO ITINERÁRIO.....	43
4.6. CONCLUSÃO.....	58
5. CONCLUSÃO.....	60
BIBLIOGRAFIA	
ANEXOS	

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1- PRINCIPAIS MOTIVAÇÕES PARA VISITAR A CATEDRAL DE CHICHESTER CITY CATHEDRAL.....	14
FIGURA 2- BRASÃO MUNICÍPIO DE VALONGO.....	26
FIGURA 3 – NÚCLEO MUSEOLÓGICO DA PANIFICAÇÃO.....	34
FIGURA 4 – ITINERÁRIO PROPOSTO NO ÂMBITO DO PRESENTE PROJETO.....	40
FIGURA 5 – OBELISCO DA MEMÓRIA.....	44
FIGURA 6 – CASTELO DO QUEIJO.....	45
FIGURA 7 – FORTE E CASTELO DE S. JOÃO BAPTISTA.....	46
FIGURA 8 – PALÁCIO DOS CARRANCAS.....	47
FIGURA 9 – REITORIA DA UNIVERSIDADE DO PORTO.....	48
FIGURA 10 - IGREJA DE NOSSA SENHORA DA VITÓRIA.....	49
FIGURA 11 – PALÁCIO DA BATALHA.....	50
IMAGEM 12 – PRAÇA DA LIBERDADE.....	51
FIGURA 13 – ESTÁTUA EQUESTRE DE D. PEDRO IV.....	52
FIGURA 14 – IGREJA DA LAPA.....	54
FIGURA 15 – IGREJA DE SANTA RITA.....	56
FIGURA 16 – MUSEU E ARQUIVO HISTÓRICO DE VALONGO.....	57
FIGURA 17 – PONTE FERREIRA, CAMPO, VALONGO.....	58
FIGURA 18 – RECRIAÇÃO BATALHA DA PONTE FERREIRA.....	58

LISTA DE TABELAS

TABELA 1 - PAÍSES DE ONDE É ORIUNDO UM MAIOR NÚMERO DE PEREGRINOS ESTRANGEIROS EXISTENTES EM FÁTIMA.....	12
--	----

1. INTRODUÇÃO

O turismo é uma prática social de natureza espacial e indutora de numerosas actividades económicas que tem demonstrado a sua eficácia como motor de desenvolvimento. No que respeita ao emprego gerado, esta actividade ganhou uma relevância particular, uma vez que existem numerosas zonas nas quais o turismo é a principal ou única fonte geradora de empregos (Oliveira, 2001). Esta capacidade de gerar riqueza, postos de trabalho e de contribuir para a revitalização social, além do papel importante na preservação do património, tem motivado uma procura crescente de espaços de lazer (Gonzalo, 2006). Estes factores servem para explicar o apoio crescente que o turismo tem recebido por parte dos governos e administrações públicas, que tem contribuído para o desenvolvimento de diversos produtos turísticos a nível mundial.

Nos países desenvolvidos, as viagens turísticas tornaram-se, para muitos, numa necessidade básica, uma vez que muitas pessoas dispõem dos meios necessários para participar no turismo, tendo-se tornado moda viajar e conhecer outras terras e culturas (Oliveira, 2001). Em concordância com a generalização e democratização desta prática, produziu-se, entre outros fenómenos, uma globalização dos destinos. Como consequência, torna-se necessário que os destinos se distingam pela diversificação, excelência, qualidade e sustentabilidade, estratégias que se afiguram necessárias para se introduzirem e manterem num mercado cada vez mais competitivo.

Outra tendência no turismo é a fragmentação ou segmentação do mercado que tem dado origem a uma proliferação de produtos turísticos muito diversos: turismo de montanha, viagens de aventura; estágios desportivos e desportos radicais, turismo de eventos, *city-breaks*, *long stays*, turismo ecológico, turismo religioso (Marques, 2001). As férias deixaram de ser sinónimo de praia, visto que as pessoas têm cada vez mais tendência para aproveitarem as suas férias para realizarem actividades que não lhes é possível realizar durante o resto do ano, como por exemplo explorar o património e praticar determinados desportos ou actividades físicas (Law, 2001).

A religião é um importante elemento da cultura. Em diferentes países existem diferentes religiões, as quais tiveram grande influência na evolução do país em questão, e no modo como as pessoas actuam. O turismo religioso, que pode incluir as viagens para perceber as

diferentes religiões e participar em peregrinações representa (Mintel, 2010) é um dos produtos turísticos que tem vindo a ganhar particular relevância.

Este Projecto terá como objectivo final a realização de um itinerário, para a cidade de Valongo em que conste património religioso desta cidade e algum património do Porto. O projecto incluirá uma revisão bibliográfica no que respeita ao turismo religioso, abrangendo a oferta e procura deste tipo de turismo, onde se analisarão documentos tais como artigos científicos e monografias. Seguidamente será feita uma contextualização histórica da cidade de Valongo onde serão evidenciadas características da Cidade a nível cultural e populacional. No capítulo final será apresentado o itinerário proposto, que diz respeito às lutas liberais, devido à elevada relevância destas lutas para as cidades do Porto e de Valongo. Neste itinerário constam monumentos históricos afectados durante as lutas liberais, que mudaram a função durante as lutas ou que foram construídos em memória deste período da história.

2. TURISMO RELIGIOSO

2.1. Introdução

O segmento religioso, no sector turístico, tem vindo a aumentar ao longo dos anos. Com o stress e problemas do dia-a-dia, as pessoas tendem a valorizar e a recorrer a forças superiores, que as possam acudir em momentos de maior desespero, ou para simplesmente, se refugiarem e se elevarem espiritualmente. Neste mesmo segmento, existe um grupo de pessoas que simplesmente avaliam a beleza dos edifícios religiosos tendo em conta a sua magnitude, época de construção, arquitectura, etc. A oferta para os turistas religiosos é muito variada, como por exemplo as Igrejas, Capelas, Santuários, a Museus de Arte Sacra. O presente capítulo terá como principal objectivo discutir o conceito de turismo religioso, analisar a procura deste tipo de turismo e as principais motivações dos turistas religiosos, identificar o que constitui a potencial oferta neste tipo de turismo e, finalmente, identificar os factores de competitividade do património arquitectónico religioso. Essa recolha de informação efectuar-se-á com base na análise de artigos científicos e monografias.

2.2. Conceito de turismo religioso

Viagens realizadas com base em impulsos religiosos são conhecidas desde tempos ancestrais (Vukonic, 1998). O que em tempos recentes apelidamos de turismo religioso é um segmento do turismo cultural em desenvolvimento, o que torna difícil a sua definição (Letos *et al*, 2010). No entanto, os investigadores concordam quando afirmam que, do ponto de vista da procura, este tipo de turismo pode ser dividido em duas categorias:

- os turistas religiosos que viajam especificamente para destinos com significado religioso (Bywater, 1994) por devoção, crença (Yunis, 2006 in Gutic et al. 2010) e espiritualidade (Letos et al. 2010), cujo principal motivo é a experiência religiosa e/ou peregrinação (Bywater, 1994);
- e aqueles turistas cuja grande motivação é visitar património religioso (Bywater, 1994), ou turistas culturais-religiosos, tendo em vista a visita de edifícios religiosos (Letos et al. 2010) pelo seu interesse, maioritariamente, histórico, arquitectónico e artístico (Yunis, 2006 in Gutic et al. 2010).

Rinschede (1992) sugere outra forma de divisão do turismo religioso, baseando-se na duração da estada dos turistas, ou seja, “turismo religioso de curta estada” e “turismo religioso de longa estada”. O primeiro caracteriza-se pela viagem curta em termos de distância e pela estada muito limitada em termos de tempo. O objectivo deste tipo de turismo é ir a um centro religioso numa deslocação a nível local, regional ou supra regional, ou participar numa cerimónia, conferência, ou encontro de igrejas. O “turismo de longa estada” significa que os turistas ficam pelo menos uma noite no local de visita, envolvendo a visita a centros religiosos por vários dias ou semanas. Neste tipo de turismo a distância geográfica é também mais alargada.

No mundo existe uma grande diversidade de religiões, possuindo algumas delas um número particularmente elevado de adeptos. O cristianismo é a religião seguida por um maior número de pessoas, tendo entre 1 e 2 biliões de seguidores (Russel, 1999; Mintel, 2005), verificando-se que a maior concentração de cristãos se localiza nos Estados Unidos da América e no Brasil, onde existem cerca de 224 milhões e 139 milhões de cristãos, respectivamente (Russel, 1999).

O Islamismo é a segunda religião com maior número de seguidores, com aproximadamente 1 bilião de Muçulmanos (Russel, 1999, Mintel, 2005). Os muçulmanos encontram-se em grande número nos países asiáticos, sendo alguns dos países com maior número de muçulmanos a Indonésia, o Paquistão, Índia e o Bangladesh (Russel, 1999; Mintel, 2005). Os seguidores do Islamismo vivem as suas vidas de acordo com a vontade de Allah (Deus), e acreditam que, com isso, conseguem alcançar paz interior, realização pessoal e salvação eterna. A fé islâmica é bastante semelhante às religiões Judia e Cristã, que se baseiam na crença de que existe apenas um único Ser Supremo, Allah. A principal diferença é que os Muçulmanos consideram Mohammed o mais importante dos profetas de Deus (Mintel, 2005). Os cinco pilares da religião islâmica, que todo o Muçulmano se compromete a cumprir são: Salah, que significa rezar cinco vezes ao dia; Shahadah, que representa a afirmação da fé Islâmica; Zakah, ou seja, doação de dinheiro para caridade todos os anos; Sawm, jejum durante os meses do Ramadão; e, por fim, Hajj, que significa que todos os muçulmanos devem ir pelo menos uma vez na vida em peregrinação a Mecca, na Arábia Saudita, local associado ao nascimento de Mohammed (Mintel, 2005).

A religião Hindu situa-se em terceiro lugar, com cerca de 830 milhões de seguidores (Russel, 1999). Tal como acontece com o Islamismo, a peregrinação é algo bastante importante para os Hindus, que se deslocam para locais associados às suas divindades

(Mintel, 2005). A Índia é um destino particularmente importante para os Hindus, uma vez que os seus peregrinos desta religião viajam regularmente para tomarem banhos no rio Ganges, ou para visitar a casa de Shiva (Mintel, 2005). Facilmente se percebe que a Índia é o país onde se encontra a maioria dos hindus, onde se encontram cerca de 780 milhões de seguidores, seguida do Nepal com 19 milhões (Russel, 1999).

Estima-se que existam cerca de 330 milhões de budistas, sendo assim o Budismo a 4ª religião com maior número de seguidores (Russel, 1999; Mintel, 2005). A peregrinação mais popular para os Budistas é o Circuito Budista na Índia e Nepal, uma rota que orienta os seus peregrinos para locais sagrados associados a Buddha, que normalmente incluem quatro locais mais importantes pela sua santidade: Lumbini, Sarnath, Kushinagar e Bodh Gaya (Mintel, 2005). Lumbini é considerado o local onde Siddhartha Gautama, o Rei dos Buddhas, nasceu. Sarnath é o local onde Buddha deu as suas primeiras formações e informou os seus discípulos sobre como aliviar o sofrimento. Kushinagar é o local onde o Rei Buddha morreu, sendo também um local de peregrinação muito importante. Bodh Gaya é o local onde os budistas acreditam que o Rei Buddha se tornou iluminado, depois de viver em Lumbini. Considerado o local onde o budismo começou, Bodh Gaya é o local mais importante para os seguidores desta religião, e por isso o mais procurado pelos peregrinos. Este local é procurado por budistas de todo o mundo, por variadas razões, incluindo, a contemplação em silêncio, estudo, meditação, e a visita ao Templo Mahabodhi (Mintel, 2005). Os budistas estão concentrados, maioritariamente, na Tailândia e no Camboja, onde estes representam mais de 90% da população, seguindo-se Myanmar (88% da população) (Russel, 1999).

Em relação à religião que ocupa a 5ª posição existe um certo desacordo. Russel (1999) enuncia o Judaísmo em 5ª posição com cerca de 15 milhões de seguidores e a religião Sikh com menos de 3 milhões de seguidores. No entanto, a revista Mintel (2005) afirma que a religião Sikh apresenta um número de seguidores na ordem dos 23 milhões e o Judaísmo com aproximadamente 14 milhões de seguidores. Independentemente do seu lugar na tabela, na religião Sikh a peregrinação não é muito valorizada e como tal a sua realização tem pouquíssima incidência. No entanto, aqueles que a realizam, geralmente visitam o Templo Dourado em Amritsar, construído no final do século XVI (Mintel, 2005). Os seguidores desta religião localizam-se predominantemente em Pujab, região da Índia (Russel, 1999).

Relativamente ao Judaísmo, como já se referiu anteriormente, esta religião partilha as suas origens com o Cristianismo e o Islamismo. Tal como nestas duas religiões, os Judeus acreditam na existência de um único Deus, que esse Deus, está em todo o lado sempre e que os seus seguidores foram escolhidos por Ele, para seguir um rumo de vida sagrado (Mintel, 2005). O legado de peregrinações de Judeus data desde o século I D.C, em que os crentes visitavam o templo construído por Herod em Jerusalém, destruído há quase 2000 anos. Actualmente os peregrinos viajam até “Temple Mount” e o que resta de “Western Wall” (Mintel, 2005). A grande maioria da população judia vive nos Estados Unidos da América, onde existe um maior número de judeus do que os que se encontram em Israel (existindo cerca de 10 milhões nos dois países) (Ash, 1997 citado por Russel, 1999). Tendo em consideração que o espaço geográfico de aplicação do presente projecto é um território português, dar-se-á particular ênfase à religião cristã.

2.3. Procura do turismo religioso: motivações e dimensão do mercado.

Com base nos dados de 2005 da Organização Mundial de Turismo sobre os motivos de visita, o turismo de saúde e o turismo religioso são os que apresentam valores mais elevados no que respeita ao seu crescimento anual entre os anos de 1990 a 2000 - 6,7% e entre 2000 e 2004 - 4.8% (OMT, 2005). Em 1993, Ano Santo, registaram-se mais de 100 mil peregrinos em Santiago de Compostela, chegavam a pé, em bicicleta ou a cavalo, número que se elevou a 150 mil no seguinte Ano Santo de 1999 e a 180 mil em 2004 (Associação de Peregrinos Via Lusitana, 2011) Turistas motivados a visitar destinos com importantes conotações com a religião cristã são um importante subsector do mercado turístico na Europa (Bywater, 1994). Após a leitura de vários artigos acerca deste tema, verifica-se que as motivações de turistas que viajam por motivos estritamente religiosos são notoriamente diferentes das motivações de turistas culturais-religiosos. O que acontece com os turistas religiosos é que qualquer que seja a circunstância em volta da decisão de participar numa jornada deste género, esta está geralmente relacionada com a fé religiosa (Mintel, 2005; Gonzalo, 2006), envolvendo crenças religiosas (Russel, 1999), movidos pela fé inquebrantável, à procura da salvação através da penitência, outros por ter de cumprir uma pena, existindo alguns, poucos, que ganhavam dinheiro por peregrinar em nome de algum poderoso (Associação de Peregrinos Via Lusitana, 2011), pedir ajuda ou bênçãos, procurar respostas (quando ocorrem problemas de mais difícil resolução), procurar conforto durante um período de recuperação de uma tragédia, agradecer por um

acontecimento favorável, um acto de demonstração de fé para com o seu Deus (Mintel, 2005), rezar e procurar uma cura para uma doença ou prestar homenagem a uma figura santa (Russel, 1999). Um estudo realizado por Collins-Kreiner e Klot (2000) na Terra Santa, demonstrou que 66% dos turistas religiosos daquele local tinham como principal motivação o conhecimento da Bíblia, 59% ambicionavam melhorar a sua fé religiosa, e 21% de todos os visitantes da Terra Santa assumiram que a sua deslocação aquele local estava relacionado com uma promessa feita a Deus ou a eles próprios, antes da sua deslocação. Eles descreveram os seus desejos mentais e práticas como sendo: “rezar com cristãos locais”, “abrir-se com deus e agradecer-lhe”, “rezar para perceber a bíblia”, “receber o amor de Deus”, “fazer uma pausa”, “ficar perto de Deus” (Collins-Kreiner et al., 2000).

A peregrinação é um fenómeno conhecido na cultura religiosa e existente na grande maioria das religiões: Budismo, Hinduísmo, Islamismo, Judaísmo e Cristianismo desde a antiguidade (Collins-Kreiner et al. 2000; Gonzalo, 2006). Este tipo de viagens pode ser entendido como uma viagem motivada por questões religiosas, realizado por uma pessoa crente a um local considerado sagrado (Gonzalo, 2006). Segundo Vukonic (1998), do ponto de vista sociológico, é inquestionável que a peregrinação contribuiu para a ideia de unificação entre membros da mesma religião e, em termos económicos, contribuiu decididamente para a prosperidade de locais de peregrinação e das áreas de passagem e envolventes.

“Peregrinar é uma forma de olhar para dentro.”

<http://www.santuario-fatima.pt/portal/index.php?id=2690>

É consensual que um peregrino pode partir numa viagem desta natureza sozinho, no entanto, a maioria dos peregrinos escolhe ir em grupo, para retirar os benefícios da solidariedade, companheirismo, tal como para discutir as suas ideias e partilhar as suas dificuldades (Mintel, 2005).

Os cristãos realizam peregrinações a Jerusalém, Belém e Nazaré desde meados do sec.II D.C. (Bywater, 1994). Neste período, a jornada a um sítio sagrado era associada a algo perigoso, difícil e fatídico, e os peregrinos apoiavam-se na hospitalidade e caridade das pessoas e instituições ao longo da rota. Para os cristãos, a peregrinação, neste período, era representativa da vida de Jesus Cristo, que eles consideravam como uma difícil passagem

para a sua casa eterna - o Céu. Em comparação com esses tempos, a peregrinação, nos dias de hoje, é normalmente mais fácil e mais confortável. No entanto, grande parte destas jornadas é, simbolicamente, sinónimo de fé (Mintel, 2005). A partir do século XIV as peregrinações sofreram um declínio, primeiro devido às pestes, e depois durante as guerras religiosas do século XVI. No entanto, hoje em dia pode-se falar de um verdadeiro ressurgimento do fenómeno, para o que, sem dúvida, contribuiu a peregrinação de João Paulo II, que visitou Santiago em 1982 (Associação de Peregrinos Via Lusitana, 2011). Os dados apresentados por Mintel (2005) demonstram que a peregrinação aumentou nos últimos anos, e prevê-se que continue a aumentar ao longo dos anos. Contribuíram para este aumento:

- O facto de os turistas procurarem produtos cada vez mais autênticos em que contactem com experiências culturais e espirituais associadas a religiões específicas e locais de peregrinação particulares;
- A busca de novos e diversificados produtos;
- O aumento do número de agências de viagem que oferecem viagens de turismo religioso, peregrinações e rotas de igrejas;
- A necessidade de se conservarem as religiões e o património associado a elas;
- A introdução de voos pertencentes a companhias aéreas de baixo custo para determinados destinos religiosos, nomeadamente voos da Ryanair para Lourdes. Este serviço, que começou em Abril de 2005, levou 4000 pessoas a reservarem bilhetes nos três dias imediatamente a seguir ao anúncio da nova rota, de acordo com o responsável pelas comunicações da Ryanair, Peter Sherrard (Mintel, 2005).

Os turistas culturais-religiosos viajam ou visitam locais religiosos motivados pela atractividade arquitectónica, interesse histórico dos edifícios (Russel 1999), arte sob a forma de pinturas ou esculturas (Joson, 2009), tranquilidade, e espiritualidade (Gutic, et al. 2010 e Bywater, 1994).

Rivera et al. (2009) referem que cerca de 88% do património constituído pelos World Heritage Sites possui significado religioso. Em 1991 a “Milan-based Borsa Internazionale de Turismo” (BIT) sugere que 26,1% do total do turismo mundial (cerca de 121 milhões de turistas) envolve uma visita a um local/locais religioso(s), estima que em 1998 aproximadamente $\frac{1}{4}$ de todas as viagens (correspondendo a um total de 159 milhões de chegadas de turistas), envolvem uma componente religiosa, representando um crescimento de 31% desde 1991 (Russel, 1999).

O mercado do turismo religioso caracteriza-se por ser um mercado que escolhe, predominantemente, meios de alojamento de três estrelas ou menos, sendo que em Lourdes (França), 98,3% dos quartos de hotel são de três estrelas ou menos, e 86,1% são de duas estrelas ou menos. É um mercado relativamente resistente à recessão, uma vez que, quando os turistas entram em épocas de austeridade, os turistas religiosos aumentam em comparação com outros tipos de turistas (Bywater, 1994). É, ainda, susceptível de ser motivado por eventos especiais, bem como por outras formas de interesse turístico especial como o ano Jubileu, e a sua sazonalidade é menos pronunciada do que a de outras formas de turismo (Bywater, 1994). No entanto, existe alguma sazonalidade normalmente associada a cerimónias religiosas e dias comemorativos, sendo o ponto alto das peregrinações cristãs os dias comemorados como a aparição de determinado santo (ex: dias 13 comemorados em Fátima de Maio a Outubro, dias das aparições de Nossa Senhora de Fátima), bem como ao clima da região de peregrinações, uma vez que temperaturas demasiado altas ou demasiado baixas podem ser um entrave à realização da peregrinação (Rinschede, 1992).

A idade das pessoas interessadas em turismo religioso é elevada. Dados da Fairlink Christian Travel indicam que a média de idades dos seus clientes baixou dos 68 para os 54 anos antes de 1999 (Russel, 1999), mas era normalmente sempre superior a 50 anos, segundo a experiência da Agência ITS Travel and Greencastle Travel (citada por Mintel, 2005). No estudo de Collins-Kreiner e Kliot (2000), verificou-se que 50% do total dos inquiridos tinham idades compreendidas entre 51 e 60 anos, sendo a idade média 55 anos. No estudo de Collins-Kreiner e Kliot (2000) 46% dos inquiridos descreveram o seu nível sócio-económico como sendo médio-baixo, 43% como médio-alto, e apenas 8% descreveram o seu estatuto como sendo de nível baixo.

2.4. Oferta do Turismo Religioso

2.4.1. Identificação da oferta do Turismo Religioso

“Some of the world’s greatest tourist attractions worldwide are also religious buildings”
(Yale, 1990).

Qualquer local de culto religioso é uma atracção para os peregrinos. O primeiro factor comum destes locais é, primeiramente, a sua santidade. Cada religião distingue entre o que é sagrado do que não o é. Como tal, o que mais atrai os turistas religiosos são os locais

sagrados. O termo “local sagrado” é aplicado a locais específicos caracterizados por uma associação a algo divino. Os locais sagrados geralmente são as grandes atracções dos turistas religiosos, sendo o factor de maior atractividade; no entanto, a visita a um local desta natureza necessita de corresponder à satisfação espiritual dos visitantes. (Josan, 2009).

No que se refere a destinos religiosos importantes para os cristãos, observa-se que um dos locais sagrados mais importantes para os cristãos é a Terra Santa, Israel, visto que os cristãos acreditam que o seu salvador, o filho de Deus, Jesus Cristo, nasceu e viveu há 2011 anos atrás naquela terra (Mintel, 2005, Josan, 2009). Anualmente este local é visitado por milhões de cristãos (Josan, 2009). Ao longo dos séculos outros locais de peregrinação emergiram, e agora incluem locais como: a morada do líder religioso, o Vaticano, e locais onde houve aparições da Virgem Maria (Mintel, 2005). O Vaticano, local de residência do Papa, é também um dos locais mais importantes de peregrinação para os cristãos, sendo também um local atractivo para toda a população mundial. Actualmente, os edifícios religiosos representam uma atracção turística especial pela sua arquitectura, e arte sob a forma de pinturas ou esculturas (Josan, 2009).

Um destino Europeu que recebe muitos turistas religiosos é Lourdes, em França, onde se estima que ocorram cerca de 4,5 milhões de dormidas anualmente. Esta cidade obteve um total de 1.024.6670 visitas em 1991 (Bywater, 1994).

Santiago de Compostela tornou-se um destino de peregrinação no início do século IX, desde que se descobriu o túmulo de Santiago (Mintel, 2005), filho de Zebedeu e irmão de João Evangelista, transformando o local numa necrópole, e representou sobretudo, uma reviravolta na história espiritual do continente que rapidamente se lançou a lavrar um caminho para chegar até ao túmulo (Associação de peregrinos, 2011). Segundo rezam as lendas, após a morte de Jesus Cristo, Santiago seria o Maior evangelizador em terras da antiga Hispânia (Associação de Peregrinos Via Lusitana, 2011). No sec. X construiu-se uma igreja em cima do local da sua sepultura, tida como local de curas milagrosas e aparições. No sec. XI Santiago de Compostela afirmou-se como um local de recepção de peregrinos (Mintel, 2005). Para atender os caminhantes, surgiram mosteiros, igrejas, hospitais, refúgios, pontes e calçadas, muitos dos quais, ao congregar certo número de população rural dos arredores, se converteram em novas cidades (Associação de Peregrinos Via Lusitana, 2011). Nos últimos vinte anos verificou-se um crescente interesse pela rota França-Espanha, sendo declarada o primeiro Itinerário Cultural Europeu pelo Conselho

Europeu em Outubro de 1897, e registada como parte integrante do património mundial da UNESCO em 1993 (Collins-Kreiner, 2010). O número de peregrinos a Santiago, em 1995, foi de 19.821, tendo aumentado para 114.026 em 2007 (The Confraternity of Saint James, 2009 citado por Collins-Kreiner, 2010). A popularidade desta rota e deste destino permitiu o desenvolvimento económico de várias regiões, tais como Navarra, Castilla-Léon, La Roja e Galiza, e contribuiu para a construção de catedrais e mosteiros (Mintel, 2005), ao longo das várias rotas até aquele local, tornando-se uma das mais populares rotas realizadas por cristãos (Mintel, 2005).

Em Portugal, conhecida internacionalmente pelas cinco aparições da Virgem Maria, ao dia 13 de cada mês, entre Maio e Outubro de 1917, a pequena Vila de Fátima, localizada na região de Leiria, tornou-se num grande centro de atracção de visitantes religiosos. Os peregrinos que visitam Fátima acreditam que a Virgem Maria apareceu a três crianças. Na sua última aparição, 70.000 pessoas deslocaram-se ao local na esperança de serem benzidas (Mintel, 2005). Este local de culto tem apresentado números continuamente crescentes no que respeita à recepção de peregrinos. Em 1994 o número de turistas neste local foi de 5,5 milhões. Números oficiais mostram que mais de 6 milhões de pessoas deslocaram-se a Fátima por motivos religiosos em 1998 (Bywater, 1994). Este local recebe, predominantemente, turistas portugueses (Bywater, 1994). Em 2005, o número de peregrinos portugueses em peregrinações organizadas com destino ao Santuário foi de 391.248 peregrinos, tendo este número aumentado para 428.236 em 2006 e 415.862 em 2010 (Santuário de Fátima)¹. Relativamente aos peregrinos de nacionalidade estrangeira que chegaram em grupos organizados ao Santuário, registou-se em 2001 a chegada de 208.083 peregrinos estrangeiros (Santuário de Fátima citado por Mintel, 2005)², em 2005 o número de peregrinos oriundos de outros países foi de 285.345, verificando-se uma pequena descida deste número em 2009, ano em que deram entrada no Santuário 181.460 peregrinos organizados de nacionalidade estrangeira (Santuário de Fátima, 2011) (Tabela 1). No entanto, o número de grupos de peregrinos organizados no Santuário tem sido progressivamente maior todos os anos, 2.090 em 2005 e 3.916 em 2010 (Santuário de Fátima, 2011). Conclui-se que, apesar do maior número de grupos, esses são constituídos por um número mais reduzido de peregrinos. Como se pode verificar na tabela 1, a maior parte dos peregrinos estrangeiros que dá entrada no Santuário de Fátima, no ano 2010, são

² Os números referidos anteriormente referem-se apenas a peregrinos e não ao total de visitantes que deram entrada em Fátima nesse período de tempo

espanhóis (34.117), italianos (30.185) e polacos (12.746) (Santuário de Fátima, 2011).

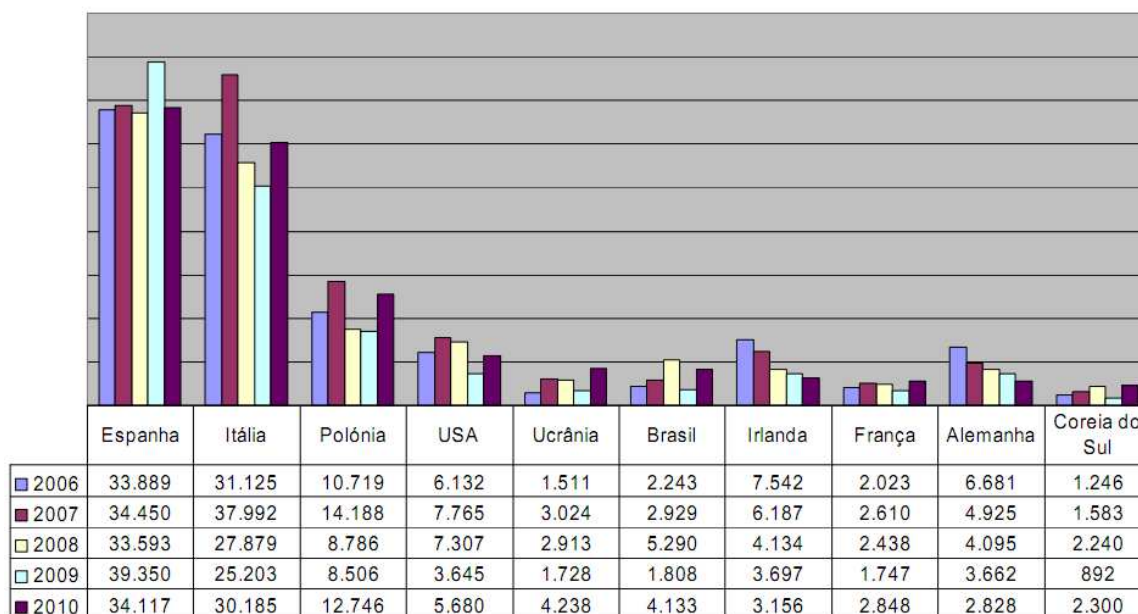


Tabela 1 – Países de onde é oriundo um maior número de peregrinos estrangeiros existentes em Fátima.
Fonte: Santuário de Fátima, 2011.

Shackley (2008) refere que as atracções religiosas podem ser divididas em:

- Parte integrante do ambiente natural (como montanhas sagradas);
- Obras edificadas pelo Homem, estruturas e locais originalmente concebidos para propósitos religiosos;
- Locais construídos pelo Homem e cuja temática da construção seja a religião, mas cujo objectivo seja atrair turistas.

Um elevado número de turistas que participam no turismo religioso visita igrejas durante a visita a um novo país ou localidade. Igreja é a “Casa do Senhor”, é o local de serviço divino, onde as relíquias e as obras de arte são guardadas, é também um local de oração para os cristãos. O desenvolvimento das igrejas aconteceu graças ao aumento da população, ao contínuo aumento da peregrinação e de relíquias de culto e ícones (imagens representativas de figuras bíblicas ou temas religiosos). O culto de ícones é manifestado por diversas formas de arte: pinturas, esculturas, mosaicos. Pelo seu valor artístico, os ícones representam hoje em dia objectos de interesse turístico independentemente da fé dos seus visitantes. A pintura foi a muito utilizada para representar momentos religiosos, sendo disso exemplo a Capela Cistina.

As catedrais são também importantes monumentos no âmbito do turismo religioso. Com 12 milhões de visitas anuais, Notre Dame é das atracções mais visitadas da Europa. Em Florença uma pesquisa de mercado concluiu que a Catedral de Duomo é o monumento mais visitado da cidade, sendo visitada por 98% dos visitantes (Bywater, 1994).

A classificação realizada pelo Instituto de Gestão do Património Arquitectónico e Arqueológico (IGESPAR) revela que existem, para além das igrejas e catedrais, outras tipologias muito diversas de património arquitectónico religioso em Portugal tais como santuários, conventos, capelas, oratórios e túmulos.

2.4.2. Factores de competitividade do património arquitectónico religioso

A Agenda para a acção da Churches Tourism Association (Sacred Britain, 2006 citada por Gutic *et al.* 2010) sugere que o que torna as igrejas tão atractivas aos visitantes, são factores como a arquitectura, que gera um número significativo de visitantes, mesmo junto daqueles que não viajam especificamente por motivos religiosos (Fernandes *et al.* 2008), a arte, a decoração, tranquilidade, o facto de estas serem um “local sagrado”, ou seja, que foi alvo de aparições ou associado à vida de uma figura sagrada (Josan, 2009; Mintel, 2005). A espiritualidade é evidenciada em muitas pessoas que não são activamente religiosas e se sentem desligadas da Igreja, mas procuram nesses locais um sentido de espiritualidade (Cruchley-Jones, 2009, p.240, citado por Gutic *et al.* 2010) e uma certa forma de transcendência, enquanto ampliam os seus conhecimentos culturais (Arriba, 2006).

Num estudo realizado por Gutic *et al.* (2010), destinado a identificar as principais razões para visitar o monumento Chichester City Cathedral, verificou-se que a principal razão para visitar essa catedral era do foro histórico, seguindo-se o interesse arquitectónico.

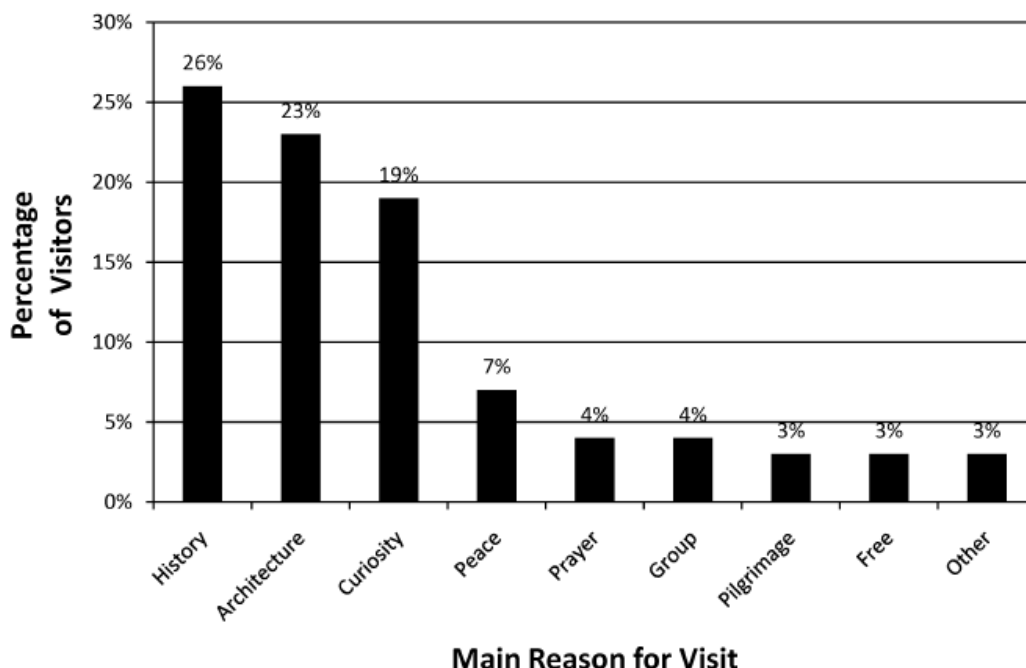


Figura 1- Principais motivações para visitar a Catedral de Chichester City Cathedral

Fonte: Gutic *et al.* (2010)

Estes atributos - a história e a arquitetura - foram também enunciados por Josan (2009) como sendo aspectos importantes, tendo este autor feito também referência à importância da componente artística. Letos *et al.* (2010), além destas componentes atractivas acrescentaram também a componente cultural e educacional. Gutic *et al.* (2010), Nijkamp (1998), Albers (1998) e Poria *et al.* (2006) dão ênfase a componentes como a arquitectura, referindo o estilo, a construção, a idade, o arquitecto, o design, a vertente artística, o contexto histórico, a autenticidade do local e o estado de conservação do edifício. Nijkamp (1998) refere ainda como factor importante a utilidade do edifício, ou seja, a compatibilidade da conservação do edifício com a sua utilização actual, a adaptabilidade e os serviços prestados. Gutic *et al.* (2010) referem como sendo bastante relevante a tranquilidade do local, a “santidade” e espiritualidade do local, aspectos mencionados também por Bywater (1994). Todos estes factores atraem turistas.

Yale (1991) refere que uma atracção só receberá um grande número de turistas caso cumpra alguns requisitos, tais como, ter uma boa acessibilidade (acesso de carro é geralmente mais importante que o acesso através de transportes públicos), um bom horário de funcionamento e determinados serviços e características que aumentem o valor do

património. Entre esses serviços e características que conferem valor ao património, Yale (1991) refere: a existência ou não de parque de estacionamento, uma vez que, como a grande maioria da população se desloca através de viatura particular, a existência de parque de estacionamento é uma grande mais-valia, centros de visitantes que teriam como função o fornecimento de informação que auxiliasse os turistas, sinais e tabelas informativas (para indicar rotas, dar instruções, informar sobre o que é permitido e o que não é); e locais de comércio. No entanto, no caso do turismo religioso, os destinos que atraem um maior número de peregrinos e turistas religiosos podem ser categorizados de acordo com o seu aparecimento na Bíblia ou noutros textos sagrados, associados, normalmente, a acontecimentos espirituais, tais como visões e milagres (Bywater, 1994). Em Portugal é possível verificar essa associação no caso do Santuário de Fátima - o destino religioso de Portugal mais visitado - associado às cinco aparições da Virgem Maria, no dia 13 de cada mês, entre Maio e Outubro de 1917 (Intel, 2005). O mesmo acontece com Santiago de Compostela e com a Terra Santa, destino de maior relevância para a comunidade cristã, e nome colectivo que representa locais em Israel, Palestina, Jordão, Líbano, Síria e Egipto, mencionados no Novo e Antigo Testamento, e que estão associados à vida e morte de Jesus ou aos Profetas, sendo os locais mais conhecidos Belém, Nazaré, Jerusalém e Galileia (Russel, 1999).

No artigo de Gutic *et al.* (2010), é mencionado ainda que caso os turistas não consigam receber a informação acerca da história do edifício, ou a sua tranquilidade e espiritualidade seja abalada/transtornada devido à actividade turística, esses serão grandes pontos negativos na avaliação global da visita. Collins-Kreiner e Klot (2000), no seu estudo, verificaram também essa insatisfação no que refere a locais onde predominava o barulho, a actividade turística ou o comércio que, segundo eles, fazia com que a espiritualidade do local fosse perdida, tornando estes locais em locais vulgares e não de culto. O facto de estes locais não serem autênticos, “genuínos”, diminui o prazer da sua visita. Alguns locais de peregrinação foram mencionados pelos visitantes como locais que lhes provocavam insatisfação - locais onde novas igrejas e edifícios foram construídos sobre antigas ruínas. Os visitantes referiram que estas novas adições danificavam a autenticidade do local.

2.5. Itinerários Religiosos

A terminologia utilizada para descrever o conceito de itinerários é variada, exemplos dessa são “themed routes”, “trails”, “scenic by-ways” (Rogerson, 2007). A definição de itinerário, segundo Prieto *et al.* (1991) sugere que esse seja a descrição de um caminho ou rota, onde se destacam lugares de passagens e se propõem actividades e serviços. Segundo Lew (*et. al.* 2002), itinerário consiste numa rota com uma ou mais paragens realizada por um viajante, sendo os itinerários vistos como um método muito eficaz de distribuição turística, encorajando os turistas a viajar de um local para o outro (Rogerson, 2007), especialmente no que respeita a viagens realizadas de carro ou bicicleta (Lourens, 2007). Os itinerários são realizados com base num tema unificador do património, e que potencia o desenvolvimento de empresas e serviços (Miossec, 1977; Gunn, 1979; Long *et al.* 1990; Fagence, 1991; Lew, 1991; Greffe, 1994; Page and Getz, 1997, citados por Lourens, 2007). De acordo com Meyer (2004, citado por Lourens, 2007), geralmente, os itinerários turísticos são criados com um ou mais dos seguintes objectivos:

- Para espalhar territorialmente os visitantes e assim dispersar o “incoming” financeiro resultante desta actividade;
- Com o intuito de chamar a atenção para atracções menos conhecidas, e para que estas possam receber benefícios económicos resultantes do turismo;
- Para aumentar a atractividade de um destino, oportunidade para regiões menos turísticas e com grandes recursos ao nível cultural, atraírem turistas com interesses particulares (turistas esses que se caracterizam por terem um período de estadia mais longo, e gastarem mais dinheiro para satisfazer as suas necessidades e curiosidades) (Lourens, 2007);
- Para aumentar a duração da estadia e gastos dos turistas num destino;
- Para atrair novos turistas e turistas que já conhecem a cidade mas que possam regressar;
- Para aumentar a sustentabilidade turística dos produtos turísticos de uma localidade.

O potencial das rotas turísticas foi percebido pelos países desenvolvidos há já algum tempo. Em 1964 o Conselho da Europa iniciou-se na criação de Rotas Culturais Europeias, com o principal objectivo de sensibilizar as populações para a cultura europeia, através de viagens. Estabelecendo redes e utilizando o património cultural europeu como meio de estimular o desenvolvimento social, económico e cultural, conseguindo com isso, uma melhoria da qualidade de vida da população local. No entanto, este Projecto apenas se concretizou no ano de 1980 com o reconhecimento da Rota de Peregrinação de Santiago de Compostela (Briedenhann *et al.* 2003). Esses itinerários aparecem agora impulsionados por muitas organizações públicas e privadas (Pereiro, 2002). Os itinerários turísticos têm vindo

a emergir como um significativo elemento de promoção turística, especialmente em cidades pequenas e áreas rurais (Rogerson, 2007). O planeamento do itinerário envolve muitas vezes o envolvimento corporativo e relações entre diferentes localidades, o que segundo Briednhann and Wickens (2004), serve de veículo de estimulação do desenvolvimento económico através da actividade turística (Rogerson, 2007). Segundo Prieto *et al.* (1991), os itinerários estão associados a uma questão de comunicação com a finalidade de sugerir de uma forma atractiva um local, tirando partido da sua vertente comercial. Num estudo realizado por Yang (*et. al*, 2009) existem alguns factores que contribuem para a escolha de um itinerário, sendo esses:

- Uma bonita paisagem natural;
- Uma paisagem urbana atractiva;
- A distância percorrida durante o itinerário (evitando longas distâncias);
- Combinação do alojamento com o itinerário a realizar;
- Interesse ao nível cultural;
- Visitar o máximo número de locais possível;
- Possibilidade de relaxar, combinando atracções urbanas com cenários naturais.

Meyer (2004 citado por Lourens, 2007) acrescenta a estes factores, os seguintes:

- A distância entre o destino e a região de origem do visitante;
- Tempo necessário para realizar essa rota;
- Quantidade de recursos financeiros necessários para a realização do itinerário.

De acordo com Meyer (2004, citado por Lourens, 2007), as rotas turísticas têm vindo a proliferar ao longo das últimas duas décadas em todo o mundo, particularmente nos países desenvolvidos. Isto deve-se ao facto de aqueles países possuírem uma maior diversidade de produtos, o que coincide com o facto de a quantidade de turistas que procura novos e variados produtos ter aumentando e continuar em expansão (Rogerson, 2007; Lourens, 2007).

Os circuitos turísticos são apelativos a uma variedade de públicos, desde a turistas que apenas ficam no destino uma noite, que os utilizam como parte de uma viagem que foi pensada segundo uma temática especial, ou turistas que ficam num período mais alargado de tempo, em que participam nos circuitos, ou em parte deles, para desfrutarem de um dia de excursão (Lourens, 2007). Para o sucesso dos itinerários turísticos Rogerson (2007) enunciou cinco factores com bastante relevância, sendo esses: trabalho em rede, trabalho ao nível regional; desenvolvimento do produto, infra-estruturas e acessos; participação da comunidade local; informação e promoção; um explícito pro-poor focus.

Os itinerários/rotas turísticos (as) podem ser realizado a pé, a cavalo, de bicicleta, automóvel, comboio ou através de outros meios de transporte (Gonzalo, 2006). Cada meio

de transporte utilizado imprime um carácter e um estilo de viagem diferente. Actualmente, os meios de transporte mais utilizados são os rodoviários (carros, autocarros, limusinas, autocaravanas), caracterizados pela grande flexibilidade e mobilidade, e aéreos, cuja principal característica é a velocidade. São esses meios de transporte, mais modernos, que melhor se têm adaptado às necessidades e à procura actual dos viajantes, sendo que o comboio e o barco têm conotações mais românticas uma vez que são mais antigos (Prieto *et al.* 1991)

A duração dos itinerários pode variar entre meio-dia, um dia, um fim-de-semana, uma semana, quinze dias, e uma grande viagem pode até demorar mais de quinze dias, dependendo também da área geográfica que abrange o itinerário (Prieto *et al.* 1991). A diversidade de itinerários em termos de duração é observável ao nível dos itinerários religiosos. O exemplo de um itinerário religioso de meio-dia é o apresentado pela instituição Circuitos Citryama, de visita a Santiago de Compostela. A mesma instituição apresenta também um outro itinerário religioso, com a duração de dois dias, intitulado “Portugal Religioso”. A agência de viagens Geostar apresenta vários roteiros de índole religiosa cuja duração varia entre os seis e os 11 dias.

Após uma análise realizada através da internet de várias instituições que possuíam oferta ao nível de itinerários religiosos (anexo 2), tanto nacionais como internacionais, verificou-se uma homogeneidade dos transportes utilizados nesses mesmos itinerários. Verificou-se então que, caso o itinerário implicasse uma saída do país de residência, essa deslocação seria realizada através de meios aéreos. Todas as outras deslocações, durante a participação no itinerário seriam realizadas através de meios rodoviários, nomeadamente autocarros turísticos privativos.

No que respeita ao tipo de património visitado, na análise já acima mencionada foi possível verificar que apesar de os itinerários possuírem uma temática religiosa e contemplarem a visita de locais de culto como igrejas e capelas, bem como actividades religiosas (ex: retiros e participação em missas ou outras cerimónias religiosas), o património que não é religioso existente nos destinos visitados e considerado relevante era também incluído nos itinerários. A percentagem de património religioso incluído nos itinerários religiosos analisados, varia entre 20% a 60%, do total de monumentos incluídos no itinerário, o que significa que num itinerário religioso, o património religioso não tem de estar em maioria. Caso um destino possua atracções de maior dimensão e relevância do que pequenos marcos religiosos, essas atracções são predominantemente incluídas nos itinerários e são

excluídos monumentos religiosos de menor dimensão. Nos itinerários analisados verificou-se que o itinerário podia contemplar a visita de 5 a 10 monumentos por dia, tendo em conta a proximidade dos mesmos. No que respeita ao nome dado aos circuitos este na maioria dos itinerários analisados, não indica explicitamente que se trata de um itinerário religioso, a não ser que seja realizado num local puramente religioso, como é o caso de Fátima.

2.6. Conclusão

O conceito de turismo religioso ainda não está claramente definido. No entanto, após a leitura de vários estudos, percebeu-se que é consensual entre os investigadores que o turismo religioso pode ser dividido em duas vertentes, a vertente dos turistas religiosos; e os turistas culturais religiosos. Os turistas puramente religiosos, independentemente da circunstância relacionada com a decisão de participar numa viagem religiosa, essa circunstância estará relacionada com crenças religiosas, influenciando decididamente o destino a visitar, levando por exemplo à escolha de um destino associado a determinada religião/santidade. O que mais atrai os turistas religiosos são os “locais sagrados”, ou seja, um local que esteja associado a algo divino, por exemplo um local onde em algum período ocorreu uma revelação divina.

No mundo existe já uma grande variedade de religiões, possuindo algumas delas muitos seguidores. O cristianismo é a religião com mais seguidores... Para os cristãos, alvo de maior destaque neste projecto, a Terra Santa é um dos locais com maior importância uma vez que está associado à vida e morte de Jesus Cristo. Na Europa existem alguns destinos associados à religião cristã e que por isso são alvo de visita de peregrinos e turistas culturais-religiosos: Lourdes, em França, Santiago de Compostela em Espanha e Fátima em Portugal.

Os turistas culturais-religiosos viajam para destinos religiosos e/ou visitam locais religiosos não pela sua crença ou religiosidade mas sim, pelo valor cultural do património religioso. Portanto, para este tipo de turistas, os factores que mais os atraem a visitar um local religioso estão relacionados com a arte, a decoração, tranquilidade, história do local/edifício, arquitectura, componente educacional, estilo e idade da construção, autenticidade.

Facto confirmado pela Mintel (2005), Russel (2009), Bywater (1994), e a OMT (2005) é que o turismo religioso está em clara ascensão, uma vez que os turistas procuram cada vez

mais produtos mais autênticos, com experiências culturais e espirituais e de fugir à azáfama do dia-a-dia, em substituição de produtos e destinos de massas.

Os itinerários turísticos consistem na elaboração de um percurso, tendo como base uma temática, que implicará uma ou mais paragens em locais de principal destaque. Estes são vistos pela comunidade científica como um óptimo meio de sustentabilidade de um local, e como principal medida no que respeita à valorização e comercialização de um determinado destino ainda pouco conhecido, descentralizando assim os visitantes e os ganhos económicos desta actividade. A atractividade dos circuitos turísticos rege-se por algumas características; normalmente os visitantes ao aderirem a uma rota pretendem visitar o maior número de locais possível no menor tempo possível, além de que são especialmente atraídos por locais com uma bonita paisagem urbana e natural. Todas estas características serão influenciadas também pela quantidade de recursos financeiros necessários para a realização do circuito. Os itinerários turísticos podem ser realizados a pé, a cavalo, de bicicleta, de automóvel, de comboio, ou através de outro meio de transporte. No entanto, os meios de transportes mais utilizados são os meios rodoviários. No que respeita à oferta de itinerários religiosos, esta oferta é muito variada em termos de localização, duração e tipologia de monumentos visitados. Observa-se também que os itinerários religiosos têm tendência a integrar também património relevante existente nos destinos visitados, mesmo que este património não seja de índole religiosa. Relativamente à quantidade de património religioso inserido numa rota religiosa verifica-se que esse número pode variar grandemente, por exemplo entre os 20% e os 60% do total dos monumentos de um itinerário, o que mostrou ser possível incluir num itinerário religioso uma quantidade considerável de património não religioso.

3. VALONGO

3.1. Introdução

Valongo é conhecida, desde cedo, pelas suas padeiras, que se encaminhavam para a cidade do Porto para venderem o seu pão. É possível afirmar que a cidade do Porto dependia da cidade de Valongo para se abastecer de pão.

O património cultural desta cidade é imenso, tendo enorme destaque o património religioso, demonstrando claramente a devoção e dedicação religiosa do povo Valonguense. No presente capítulo será feita um breve resumo da história da cidade de Valongo. De seguida, realizar-se-á uma caracterização do município de Valongo em termos de turismo, em que serão identificados elementos do património cultural e natural, bem como o alojamento disponível na região.

3.2. Caracterização geral de Valongo

Valongo é uma cidade Portuguesa inserida na Área Metropolitana do Porto conhecida por ser a terra do pão e da lousa, lousas essas que eram “as melhores de Portugal” (Leal, 1882). Localizada num extenso vale, entre a Serra do Penedo a Norte e as serras de Santa Justa e Pias a Sul, esta cidade é constituída por cinco freguesias: Alfena, Campo, Ermesinde, Sobrado e Valongo, ocupando no total uma área de cerca de 68 km², com uma riqueza natural extraordinária (Junta de Freguesia de Valongo; Câmara Municipal de Valongo, 2011). O município é limitado a norte pelo município de Santo Tirso, a nordeste por Paços de Ferreira, a leste por Paredes, a sudoeste por Gondomar e a oeste pela Maia.

Em 2001, segundo os Censos desse mesmo ano, Valongo e as suas freguesias teriam um total de 86,005 residentes, 51,26% dos quais do sexo feminino e 48,74% do sexo masculino, e uma totalidade de 33,470 alojamentos (INE, 2001). Dez anos depois, em 2011, a população do concelho de Valongo aumentou, segundo os censos do corrente ano, a população residente naquele concelho é de 93,753 pessoas, 51,99% do sexo feminino e 48,01% do sexo masculino (INE, 2011).

3.3. Caracterização histórica do concelho

“Ainda Portugal não existia como Estado independente e já o território que hoje constitui o concelho de Valongo era habitado pelo Homem, sendo de crer que o fora também em tempos pré-históricos. Prova possível disso são os elementos toponímicos existentes na região: Evanta, Casa da Orca, Monte das Mamóas e alguns sítios que uma investigação arqueológica de fundo poderá demonstrar” (Camilo, SD).

A diversidade e fertilidade territorial de Valongo, atraiu desde cedo a fixação de povos, encontrando-se vestígios toponímicos neste concelho datados do período Neolítico (Câmara Municipal de Valongo, 2011). Mais tarde, aí se fixaram povoados castrejos, cultura específica da Península Ibérica, sendo os Castros compostos por conjuntos de várias habitações, em alguns casos, cercadas por linhas de muralhas para uma maior defesa. Era comum também, situarem-se junto a um rio, o qual fornecia água e alimentação (Junta de Freguesia de Campo, 2011). Exemplo disso é o Castro de Pias, o Castro de Couce e o Alto do Castro, designações que remetem a memória para essa época (Regional Editora, 2011). Existem também vestígios da Idade do Ferro, localizados na Serra de Santa Justa e Pias (Câmara Municipal de Valongo, 2011).

Os romanos ocuparam também esta zona, deixando marcas da sua passagem em materiais como mós, tegulae³ e cerâmicas (Câmara Municipal de Valongo, 2011), na toponímia, referências documentais e historiográficas (Junta de Freguesia de Campo, 2011). A posição geográfica do concelho teria sido o fator de maior atracção para o conquistador romano, no entanto, a mais importante causa de permanência foi, decididamente, a riqueza do seu subsolo, a qual garantiu não só a sobrevivência dos colonos, como também a prosperidade do império (Junta de Freguesia de Campo, 2011).

Entre os trabalhos mineiros, que geralmente não ultrapassam os 100 metros de profundidade, é possível observar a ocorrência de poços de secção quadrangular ou circular muito perfeitos que podem ter funcionado para o reconhecimento das estruturas mineralizadas e extração do minério, assim como galerias que chegam a atingir algumas centenas de metros de extensão, geralmente de secção regular, efetuadas para seguir o filão, para drenagem da água ou ainda para extração do minério. As cavidades estreitas e profundas correspondentes ao desmonte dos filões auríferos são vulgarmente designados,

³ Tegulae são telhas da época romana (Câmara Municipal de Aguiar da Beira)

em Valongo, por fojos (Valongo Natura, 2005). As explorações mineiras datam do séc. I e estenderam-se até ao séc. III d. C. (Valongo, Natura, 2005), tendo ficado desses tempos vestígios, de que são exemplo o povoado e a necrópole da Corredoura em Campo, os fojos da Serra de Pias e da Santa Justa, entre os quais os Fojo das Pombas (um dos mais importantes trabalhos mineiros da região) (Valongo Natura, 2005), o Fojo da Valéria e os Três Fojos Sagrados, constituem prova da sua exploração do ouro, riqueza que a região oferecia (Regional Editora, 2011). Outro vestígio é a Necrópole Romana da Corredoura (Junta de Freguesia de Campo, 2011), além do próprio topónimo que designa esta cidade - “Vallis Longus” - que significava “vale comprido” (Valongo Natura, 2005). O valor do ouro na antiguidade era cerca de 200 vezes superior ao dos nossos dias, daí a sua grande procura (Valongo Natura, 2005). Segundo a Junta de Freguesia de Campo, citando relatos orais de pessoas residentes na freguesia, a exploração do ouro na Serra do Raio teria tido início aquando da fixação dos Romanos na região, segundo uns, e pelos mouros, segundo outros. Não existem testemunhos materiais que confirmem a veracidade destes factos (Junta de Freguesia de Campo, 2011).

A partir de 1940 o antigo Fundo de Fomento Mineiro, organismo que regulamentava a exploração mineira em Portugal, levou a cabo a limpeza de muitos destes locais. No início da década de 60 limparam o Fojo das Pombas, que depois de muita terra e pedras extraídas descobriram a cerca de 50 metros de profundidade, um conjunto de 12 objetos feitos em cobre, bronze, latão e um em cerâmica (Valongo Natura, 2005), do século II a. C. (Pacheco, 1986). Os objetos encontrados são da época romana, abrangendo exemplares de objetos utilizados para o trabalho mineiro e outros para uso pessoal, de grande qualidade e que se podem considerar luxuosos. O trabalho desta instituição e todos os trabalhos arqueológicos que se fizeram desde os anos 80 do século passado até aos nossos dias revestem-se de grande importância para conhecermos o passado de Valongo (Valongo, Natura, 2005).

É nesta altura que ocorre uma fixação populacional, mais ligada à exploração agrícola em determinados pontos, para fazer face ao aumento de trabalhadores das minas e às suas necessidades de alimento (Câmara Municipal de Valongo, 2011).

A conquista e administração dos povos romanos foi um grande marco para o desenvolvimento e organização dos povos do ocidente da Península. As influências étnico-culturais deixadas por estes, e continuadas com a fixação dos Bárbaros (entretanto convertidos ao cristianismo) e a passagem dos Árabes pela Península contribuíram para a

criação de uma estrutura étnica, cultural e linguística que esteve na origem da Nação Portuguesa (Junta de Freguesia de Campo, 2011).

A rede viária começou precisamente com estes povos, sendo ainda hoje considerada a maior obra de engenharia da antiguidade em Portugal. A rede de estradas dividia-se em “*Viae Publicae*” que formava a rede principal que interligava todo o Império Romano, correspondendo às nossas estradas nacionais, nos dias de hoje, as “*Viae Vicinales*”, estradas secundárias que ligavam os povoados às grandes vias e, por fim, as “*Viae Privatae*” ou “*Agri*” que correspondiam a caminhos agrícolas ou de acesso privado. O “*Cursus Publicus*” é um sistema totalmente hierarquizado, planeado para abranger todo um território e apoiado numa rede de estações de apoio aos viajantes, como as “*mutationes*” que eram pequenas estações de muda de montadas e condutores separadas por 15-18 km. Existiam também albergarias onde os viajantes poderiam reabastecer, alimentarem-se e pernoitar, chamadas “*mansiones*”. Estas estavam estrategicamente distribuídas de modo a proporcionar alimentação e repouso no final de cada etapa do caminho que em média rondaria um pouco menos de 44 km (Vias Romanas, PlanetaClix, 2011). Exemplo de um desses itinerários, romanos é o caminho que liga Porto a Marco de Canaveses (PlanetaClix, 2011). Este caminho foi criado devido à importante exploração mineira na região, cujos vestígios se espalham por Valongo, Gondomar e Paredes. Esta rota parece seguir no essencial a EN15 e a A4 numa região densamente povoada, pelo que restam poucos vestígios. Salientam-se as travessias dos dois grandes rios da região, o Ferreira e o Sousa, e o troço de calçada romana a seguir à Ponte de Cepeda (PlanetaClix, 2011). Nas Inquirições de 1258 (Reis, 1904) é referida a passagem por Valongo Susão da velha estrada romana, sucessivamente promovida a Via Pública ou Estrada Real em harmonia com o andar dos séculos e com o incremento da centralização do poder, que unia o Porto a Amarante e que, segundo Carlos Alberto Ferreira de Almeida, era o “caminho mais utilizado para Roma” (Almeida, 1968, pp. 173). A persistência do eixo Porto-Amarante, a que não era alheio o crescente culto às relíquias de São Gonçalo, despoleta o desenvolvimento das povoações que percorre (Azevedo, 1999). Era imperativo a criação de infraestruturas capazes de oferecer condições de conforto a toda uma população flutuante de caminhantes, de romeiros, de feirantes, todos necessitados de alimento, albergue e assistência (Azevedo, 1999) Valongo seria um ótimo local, uma vez que, “devido á sua bella posição geographica estava em vantajosas condições para descanso e repouso de todos os viandantes, pousada e refresco de todos os passageiros” (Reis, 1904).

De acordo com as Inquirições Gerais de 1258 (Reis, 1904) sabemos que o atual concelho se repartia, até à data, entre Julgado de Aguiar de Sousa, que incluía S. Martinho de Campo e Sobrado, e o Julgado da Maia, onde se incorporavam S. Vicente da Queimadela, Valongo e S. Lourenço de Asmes (Câmara Municipal de Valongo, 2011; Regional Editora, 2011).

Pelos finais do século XVI, era já Valongo um povoado de vida intensa e laboriosa com base na agricultura (Camilo, SD), tendo a cidade umas terras muito aráveis e produtivas em todos os géneros agrícolas. No entanto, cedo se mostraram insuficientes para prover o sustento de uma população sempre crescente (Azevedo, 1999). Referências a moinhos chamam a atenção para a importância do aproveitamento económico dos cursos de água, atividade essa, que sofreu um grande desenvolvimento com a introdução do cultivo de milho graúdo (Câmara Municipal de Valongo, 2011). Valongo tornou-se conhecida pelo trabalho feminino, uma vez que é a terra das padeiras, das roscas e dos biscoitos, cuja comercialização, que contribui para o desenvolvimento sócio-económico de Valongo, não se confinava ao seu termo (Azevedo, 1999). No século XVII, Valongo torna-se o centro abastecedor da cidade do Porto (Alves, 1976).

“Esta farinha do Valongo ajudou a construir o burgo e a sua Igreja de S. Mamede e veio subsistir”

Helder Pacheco, 1986.

Esta era, efetivamente a terra do pão. Era de lá que vinham as padeiras “encarrapitadas em burros com duas enormes canastras sobre o dorso do animal cheias do saboroso pão da terra” (Jornal de Notícias, 2008). Iam neles, pela serra, com bom ou mau tempo, chuva ou sol, mal despontava a madrugada (Pacheco, 1986). O produto mais procurado eram os célebres “pães de Valongo”, confeccionados com farinha que era moída nos moinhos de água da região, que pesavam cerca de meio quilo e eram vendidos, nos finais do século XIX, a 75 reis cada um (Jornal de Notícias, 2008). Essas iam até à cidade do Porto pela, intitulada, “Estrada Real” que fazia a ligação entre Porto e Valongo (Azevedo, 1999).

O facto de esta terra ter crescido graças ao pão fez com que o seu brasão não evocasse factos guerreiros, mas o heroísmo pacífico dos homens e mulheres que o fabricavam, com o trigo (Pacheco, 1986).



Figura 2- Brasão Município de Valongo.
Fonte: Wikipédia, 2011

Dado o surto de cultivo de milho que se intensificou nos séculos XVII e XVIII, é de crer que as terras de Valongo, propícias para a exploração agrícola, tivessem de igual forma acompanhado o desenvolvimento do país económica e demograficamente. Os almocreves que constituíam uma grande parte da população contribuía, pela sua atividade comercial, para o desenvolvimento da freguesia, ao mesmo tempo que se estimulavam as indústrias de moagem e panificação, as quais viriam a ser fonte de riqueza para as suas gentes num futuro próximo (Camilo, SD). No século XVIII mais de 160 rodas e 100 padarias operaram em Valongo um milagre económico, transformando a povoação em centro abastecedor, juntamente com Avintes, do pão que o Porto comia. Além da farinha, surgiu novo património: a regueifa (Pacheco, 1986). Encontram-se também alusões à profissão de artificies como ferreiros, correeiros, sapateiros (Câmara Municipal de Valongo, 2011), indústrias artesanais, alfaiates, carpinteiros, marceneiros (Tapada, 1986).

Devido ao mau estado de conservação da primitiva igreja matriz de Valongo, e ao facto de ela ser demasiado pequena para albergar um grande número de população que assistia às cerimónias religiosas naquele local, tornou-se imperativo a construção de uma nova igreja matriz, maior e majestosa, que dignificasse a população valonguense que já naqueles tempos era uma das maiores do distrito do Porto (Azevedo, 1999). As obras de construção do novo templo foram oficialmente iniciadas a 5 de Março de 1794, data em que se processou a primeira folha de pagamento dos artistas e artífices que nela trabalhavam. As obras prolongar-se-iam ao longo de cerca de quarente anos, ficando concluídas apenas no ano de 1836, com o fim das obras de ampliação da sacristia do lado nascente (Azevedo, 1999). Concorreram para a edificação do novo templo religioso as freiras do Convento da Avé Maria do Porto, por serem as padroeiras desta freguesia, com a quantia de 12.000\$00.

E foi imposto um tributo de 5 reis sob cada alqueire (antigo) de trigo e de 1 real por cada quartilho de vinho e azeite ou arrátel de carne (Câmara Municipal de Valongo, 2011).

No primeiro quartel do século XIX Portugal sofreu várias vicissitudes. Foram as invasões francesas, propagadoras de ideias novas e causadoras de tantos danos irremediáveis; foram as conspirações contra o regime pela permanência do rei, D. João VI, no Brasil; foi a Revolução Liberal do dia 24 de Agosto de 1820, criadora de um novo regime político - a Monarquia Liberal Constitucional (Camilo, SD).

Devido à sua situação geográfica privilegiada, era ponto de passagem no eixo de comunicações litoral-interior transmontano, devido à relativa proximidade do centro de decisões políticas que era o Porto, cidade que constituía um bom exemplo de prosperidade e desenvolvimento económico de todo o Norte durante o século XVIII e começos do século XIX, contrastando com o declínio do Sul. Valongo, pelas suas características geofísicas propícias à execução de estratégias militares, sentiu os efeitos dessas disputas, tantas vezes sangrentas e sempre devastadoras (Camilo, SD).

O segundo quartel do século, em vez de trazer a tão desejada estabilidade política ao País, manteve as características de permanente instabilidade, agravada por conflitos sociais e por uma economia progressivamente deficitária e dependente dos credores externos. Preludiava-se uma guerra civil. O regime despótico de D. Miguel constitui tal prelúdio que havia de conduzir para uma violenta luta civil de portugueses contra portugueses, Liberais contra Absolutistas. Durante dois anos, 1832 e 1834, duras e sangrentas batalhas se travaram, causadoras de estragos, mortes e feridos. Mais uma vez, Valongo pela sua situação geográfica, intervinha num conflito nacional, sendo a Batalha de Ponte Ferreira um facto histórico de relevante significado (Camilo, SD). Sangrenta como todas as batalhas, esta originou a conversão do antigo Convento de N^a. Sr^a. Do Bom Despacho (St^a. Rita), em hospital militar das forças absolutistas (Regional Editora, 2011) e no adro da igreja são enterrados em vala comum muitos dos que pereceram no Cerco do Porto (Câmara Municipal de Valongo, 2011). O fim da guerra civil não significou estabilidade para o País. A conturbada situação do País e a fraqueza dos diversos governos, que uns aos outros se sucederam, conduziram a uma nova revolução – a revolução de Setembro de 1836 -, cujos princípios se mantiveram em teoria até 1842 (Camilo, SD).

Foram a vitalidade industrial e o aumento populacional, aliados a razões de ordem política e conjuntural (Tapada, 1886), durante o reinado de D. Maria II, e graças a uma reforma administrativa do País (Câmara Municipal de Valongo), que elevaram Valongo a concelho

em 1836 e a vila em 1837, sendo o concelho composto por seis freguesias: Valongo, Alfena e Asmes (anteriormente pertencentes ao concelho da Maia); S. Martinho de Campo e Sobrado (anteriormente pertencentes ao concelho de Aguiar de Sousa), e Gandra (que pertencia ao concelho de Paredes). Rapidamente passaram a cinco que ainda hoje se mantêm. No Diário do Governo de 20 de Abril de 1837, é publicada a elevação de Valongo à categoria de Vila, com o seguinte teor: *“Havendo-me Supplicado a Camara Municipal do Concelho de Vallongo a Graça de ser aquelle Logar elevado à cathegoria de Villa; e Attendendo à sua População, a estar já constituído Cabeça de Concelho, bem como á gloriosa recordação que o seu nome offerece, por ser daquelle ponto que Sua Majestade Imperial, Meu Augusto Pai, de Saudosa Memoria, dirigui a Batalha de Ponte Ferreira, uma das muitas que vencera para Restituir-Me o Throno, e Libertar a Nação: Hei por bem, Deferindo á Supplica da mencionada Camara, Ordenar que o dito Concelho seja elevado á cathegoria de Villa com a mesma designação que actualmente tem”* (Camilo, SD).

É entre os finais do século XVIII e os inícios do século XX que se constroem as grandes casas de lavoura em todas as povoações cujo cariz rural permanecerá por mais tempo (Câmara Municipal de Valongo, 2011). Em Julho de 1875, com a chegada da linha do Douro, abriu-se ao tráfego a estação de Valongo, e o vale e seus lugares entraram numa fase diferente (Pacheco, 1986). Adensando-se e multiplicando-se a rede viária dentro dos limites do concelho, que passa a ser servido por transportes como o carro eléctrico e o comboio. Sucede-se a abertura de estabelecimentos comerciais. Os agregados populacionais alongam sucessivamente os seus termos com a chegada contínua de gentes vindas do interior. Por meados do século XIX começa a exploração sistemática de ardósia (indústria tradicional com grandes implicações a nível social), extraindo-se ainda, do subsolo, antimónio, volfrâmio e carvão (Câmara Municipal de Valongo, 2011).

Em 1936, Ferreira dos Santos, citado por Pacheco (1986), escrevia: *“não virá longe o tempo em que, pela sua ótima posição comercial, Ermesinde há-de ser uma das cidades das cercanias do Porto”*, e o facto tornou-se realidade. Ermesinde adquire algum relevo nas indústrias da Metalomecânica, Metalúrgica, Têxtil, Construção Civil e Obras Públicas, Alimentar e Madeiras e Mobiliário, graças à implantação de grandes fábricas, tais como: a “Resineira”, a “Fábrica da Telha”, “Empresa Industrial de Ermesinde” e a “Têxtil de Sá” (Câmara Municipal de Valongo, 2011).

Outras freguesias, como Campo e Sobrado, conservaram uma mais vincada ruralidade. Onde domina o regime de minifúndio com produções tradicionais de vinha, milho e as forragens, a que está ligada a produção de leite (Câmara Municipal de Valongo, 2011).

Nesta época Valongo progredia de dia para dia. Vários melhoramentos foram feitos no Concelho, transformando-o num centro importante com grande população, entregue a um comércio extraordinário e a uma indústria em franco progresso. Exemplo desses melhoramentos foram: abertura de novos caminhos e ruas e calcetamento de outras; criação do ensino primário e assistência médica (Camilo, SD).

“Valongo é hoje um concelho empenhado em cumprir um desenvolvimento harmonioso e equilibrado. O crescimento económico terá que conviver com a preservação dos bens culturais e naturais. Uma dualidade que garantirá sempre a qualidade de vida” (Câmara Municipal de Valongo, 2011).

O povo valonguense sempre foi simples, trabalhador, afável e crente, e por isso abundam lendas e tradições, e um sentido de vida religiosa. Por todo o concelho é possível ver com evidência o sentido de religiosidade do seu povo. Inúmeras capelas, alminhas, nichos, igrejas, cruzeiros e calvários atestam o sentido de vida religiosa, aos quais se associam festejos canónicos, romarias, tradições, que constituem parcelas preciosas de um rico património histórico-cultural, do qual fazem parte as igrejas Matrizes, as capelas de Sta. Justa, Senhora da Hora, Senhora das Neves, Senhora das Chãs, em Valongo, S. Bartolomeu, no lugar do Susão, S. Lázaro e S. Roque em Alfena, a Ermida de S. Silvestre, em Ermesinde; os cruzeiros, em Valongo, no lugar do Susão, em Campo, Sobrado, Alfena, Ermesinde; os moinhos do rio Ferreira; os caminhos de remota história que existem por todo o Concelho, mormente de raiz romana, que existem em Valongo e Campo; os usos e costumes, as lendas e as tradições, as danças e os cantares de raiz popular, as Filarmónicas de Alfena e de Campo e a infelizmente desaparecida Filarmónica de Valongo (Camilo, SD).

3.4. Caracterização turística do concelho de Valongo

3.4.1. Património

Uma visita ao concelho de Valongo deixa facilmente perceber a riqueza da sua história, a alegria das suas gentes e a importância de uma cultura feita de contrastes. A dois passos do

Porto, Valongo é, hoje, um concelho desenvolvido e equilibrado, onde o crescimento económico convive com a preservação do património cultural, arquitetónico e natural.

3.4.1.1. Património Natural

As Serras de Santa Justa e Pias foram classificadas como Área de Paisagem Protegida de Âmbito Local, por unanimidade, na reunião da Assembleia Municipal de 28 de Dezembro de 2010 (Câmara Municipal de Valongo, 2011). Tendo sido também classificadas como Sítio de Importância Comunitária em Dezembro de 2004, o que constituiu um reconhecimento além-fronteiras das particularidades naturais existentes neste local, que possibilitam a sobrevivência de espécies animais e vegetais alvo de estatutos especiais de conservação (Valongo Ambiental, 2011). Divididas pelo Rio Ferreira encontram-se as Serras de Santa Justa e Pias. “Vale Longo” já foi há 300 milhões de anos um oceano, factos provados pela existência nestas Serras de plantas, trilobites desses tempos, e em alguns afloramentos rochosos vemos ainda as marcas de uma ondulação própria de uma maré vaza. Os fojos, outrora minas de ouro, explorados pelos romanos aquando da sua passagem por este local, são espaços, por excelência, escolhidos para a prática de espeleologia. Um regresso ao passado da geologia, da fauna e da flora (Notícias RTP1, 2009⁴)

Em 1995 foi idealizada a criação de um parque Paleozóico de Valongo. Este projeto foi desenvolvido pela Câmara Municipal de Valongo e pelo Departamento de Geologia da Faculdade de Ciências da Universidade do Porto, contando com a colaboração dos Departamentos de Zoologia e de Botânica da mesma Faculdade. Este projeto surgiu da necessidade de preservar os fósseis de Trilobites e outros organismos da Era Paleozóica e de todo um conjunto de características geológicas naturais que fazem com que as Serras de Valongo se tornem um laboratório vivo e disponível a todos os interessados em aprender mais sobre a História da Terra (Valongo Ambiental, 2011)

3.4.1.2. Património cultural edificado

Do vasto leque de património cultural edificado que Valongo oferece, notoriamente a sua grande maioria é de cariz religioso. De todo o património religioso construído no concelho

⁴ <http://tv1.rtp.pt/noticias/index.php?t=Patrimonio-natural-de-Valongo.rtp&headline=20&visual=9&tm=8&article=210382>

de Valongo, 21 imóveis são capelas, 7 são igrejas, 6 são cruzeiros e 2 calvários (constituídos por um número variável de cruzes). Todo o património religioso da cidade de Valongo foi analisado segundo os fatores de competitividade enunciados no capítulo anterior (ver anexo 1). No património religioso da cidade de Valongo não constam painéis estáticos ou brochuras que informem sobre a história do edifício e a entrada é livre em todos os monumentos religiosos da cidade, não sendo de esperar outra situação de um povo tão devoto e crente. A Igreja da Santa Rita/Mão Poderosa, datada do início do século XVIII é, sem dúvida, o maior monumento de Ermesinde (Junta de Freguesia de Ermesinde, 2011). É de salientar o Cruzeiro do Senhor do Padrão, em Valongo, com a imagem de Santo António na base, e uma referência ao sacramento da Eucaristia, provável relação com o milagre antonino da adoração da Hóstia por um jumento (IGESPAR, 2011). São também importantes as belíssimas Igrejas Matriz de Valongo e de Campo, ambas do século XIX. Na Igreja Matriz de Campo, exteriormente revestida de azulejo branco, com ornamentação figurativa azul com motivos religiosos, pode visualizar-se o teto pintado, bem como os altares em talha dourada e os painéis, incompletos, de azulejos figurativo azul e branco que representam cenas bíblicas (Câmara Municipal de Valongo, 2011). A Igreja Matriz de Valongo, exteriormente semelhante à Igreja Matriz de Campo, surgiu exclusivamente da vontade e determinação dos moradores da freguesia de Valongo, que pelo menos desde 1781, lutaram para que se construísse um novo templo, mais espaçoso e mais belo, que dignificasse a população desta freguesia que já na altura era uma das mais populosas da comarca do Porto (Azevedo, 1999). No entanto, o povo, sabendo-se pobre e sem recursos suficientes para mandar edificar um edifício religioso de tal magnitude, pediu provisão a D. Maria I de lançar o tributo de um real em cada quartilho de vinho e de azeite, e em cada arrátel de carte pelo tempo necessário para que se concluísse a obra em questão. D. Maria concedeu a imposição pedida pelos moradores. As obras de construção da Igreja Matriz de Valongo prolongaram-se ao longo de cerca de 40 anos, começando a 1794 e concluídas em 1836. A Capela de S. Silvestre, em Ermesinde, que se pensa ser o monumento mais antigo de Ermesinde, possui uma muito venerada imagem de S. Silvestre - advogado da fome, da peste e da guerra (Museu de Valongo, 2011) - que é motivo de romaria todos os anos, no dia 31 de Dezembro (Junta de Freguesia de Valongo, 2011), estando em bom estado de conservação. É também relevante a Igreja Paroquial de Alfena, com um projeto bastante inovador no que confere à sua construção, de autoria do arquiteto Moreira da Silva, e inaugurada em 1968 (Pacheco, 1986). Outro importante monumento

religioso é a Capela da N.^a Sr.^a do Amparo, localizada em Alfena, mandada fazer pelo senhor capitão Gaspar Pinheiro de Carvalho, em 1697. No 3º domingo de Julho dedicam-lhe, desde há muito, festividades. *“O culto da Senhora coincidia no calendário agrícola com o período das regas em Julho e daí resultava que a este culto andasse associada a intenção de pedir chuva por ocasião da sequeira”* (Pacheco, 1986, pg. 169). Relevante é também a Capela de São João Baptista, em Campo, que “nasceu” por vontade do povo, construída entre 1956 e 1974.

No que respeita à arquitetura moderna a cidade possui também alguns edifícios de grande atratividade tais como o Fórum Cultural de Ermesinde, onde se localizava a antiga “Fábrica da Telha” (Regional Editora, 2011). A cidade possui interessantes pontes de origem romana, como é o caso da Ponte do Arquinho e a Ponte de S. Lázaro, esta última refeita e aumentada durante o período medieval, onde eram cobrados impostos para a manutenção do Hospital dos Lázaros, a funcionar na Capela de São Lázaro em 1747 (Pacheco, 1986), que albergava os leprosos. Estas pontes localizam-se na freguesia de Alfena.

3.4.1.3. Eventos

Feiras, romarias, festas religiosas e pagãs representam a vivacidade e alegria deste concelho. Exemplos dessas comemorações são: a Bugiada (realizada em Junho), Festa de Santa Justa e Santa Rufina (Julho), Festa de São Mamede - padroeiro da cidade - (Agosto), da Nossa Senhora das Chãs (Setembro), e ainda a Festa do Senhor dos Passos (realizada no 3º Domingo de quaresma, desde inícios do século XVIII (Pacheco, 1986).

3.4.1.4. Gastronomia e artesanato

Graças à riqueza deste território em Ardósia, é natural que este material esteja muito presente no artesanato da cidade, representado segundo a imaginação do artesão, a partir da pedra natural (Câmara Municipal de Valongo, 2011).

A lousa começou a ser explorada industrialmente a partir de 1865 pela *The Vallongo Slate & Marble Quarries*. Desde então, milhões de toneladas de pedra negra saíram das jazidas de ardósia (Pacheco, 1986). Em ardósia é comum criarem-se lousas escolares, relógios, cinzeiros, porta-chaves e tabuleiros, entre outros objetos.

“O solo valonguense possui o condão de se transmudar no ouro da pedra preta. Nele aprenderam a escrever e a contar milhões de portugueses, nas lousas e penas que havia nas escolas.” (Pacheco, 1986).

O artesanato da região é também muito rico no que respeita ao brinquedo, brinquedo esse construído em chapa ou madeira. Os primeiros fabricantes de brinquedos em Portugal datam do início do século passado. Na sua maioria, os artesãos, ferreiros, funileiros, marceneiros ou barristas, foram os pioneiros na construção deste género de artesanato (Freguesia de Alfena, 2011). Alguns daqueles artesãos teriam imposto a sua dedicação ao brinquedo por tradição, como é o caso do brinquedo popular, ou fabricavam imagens para festas populares e para as cascatas. É possível que alguns artesãos tenham aproveitado a sua arte para construir imitações de brinquedos que se vendiam nas lojas, sendo esta uma atividade secundária. No entanto, com o aumento da procura desses brinquedos, alguns desses artesãos começaram a fabricar brinquedos de uma forma mais organizada e em série, tendo-se dedicado quase exclusivamente ao brinquedo (Freguesia de Alfena, 2011). Os primeiros brinquedos portugueses eram feitos de barro, madeira e cartão. Os bonecos de barro de longa tradição podem ser encarados como um caso especial de brinquedos visto terem uma dupla função, serem utilizados como enfeites e também podem ser brinquedos (Museu do Brinquedo de Évora, 2011). Nesta região, mais precisamente em Ermesinde, chegou a existir uma indústria dedicada única e exclusivamente à produção do brinquedo, entre 1946 até pouco depois do 25 de Abril, tendo sido a maior unidade industrial de produção de brinquedos em Portugal (Freguesia de Alfena, 2011). Hélder Pacheco (1986) referia o senhor Manuel Rocha Ferreiro, fabricante de brinquedos artesanais da cidade, como o *“mago”* que *“faz ciclistas, pombas, carros de bebe e de bois, andarilhos e relas (...) em madeira de pinho, pintada de cores berrantes – ah!, mas essas berrarias são lindas”*. Com a madeira constroem-se pombas, ciclistas, camionetas, carros de boneca e andarilhos. E em chapa, é comum a construção de máquinas de costura, carros elétricos, charretes e carroças com cavalos (Câmara Municipal de Valongo, 2011).

Em relação à gastronomia, sendo esta uma terra de padeiros, a indústria panificadora tem sido um dos motores fulcrais para o desenvolvimento da cidade, sendo a broa de milho uma imagem de marca da cidade. *“Esta era, efetivamente, a terra do pão”* (Jornal de Notícias, 2008). Quando confeccionado, se o pão tem a forma de uma trança redonda é apelidada de regueifa (Câmara Municipal de Valongo, 2011), quando a trança é direita chamam-lhe roca. Uma curiosidade interessante é que a população local fala do pão como

o “molete”, sendo uma designação que só existe nesta localidade. Este fabrico, de forma artesanal, pode ser observado no Núcleo Museológico da Panificação, aberto desde 2005, e instalado no moinho de Ponte Ferreira. Este núcleo alberga um conjunto de instrumentos, fotografia e esquemas que descrevem o ciclo da panificação, desde o amanho da terra ao fabrico do pão e do biscoito. Dispõe também de Serviços Educativos que realizam visitas guiadas e organizam Oficinas, sob marcação prévia no Museu Municipal de Valongo (Câmara Municipal de Valongo, 2011).



Figura 3 – Núcleo Museológico da Panificação.
Fonte: Valongo Ambiental, 2011.

Os doces mais característicos desta região são: os biscoitos de milho, os de limão, o doce branco de Sobrado (Câmara Municipal de Valongo, 2011), as sopas secas e pudim de pão (Regional Editora, 2011). É habitual a matança do porco, a realização do cozido só com as carnes deste animal, a criação de galinhas, sendo que o arroz de cabidela é muito comum nos dias de festa, mas que nesta região tem um nome diferente - o “arroz de pica no chão”. Pelo S. João em Sobrado é comum a confeção de cabrito assado no forno. Outros elementos gastronómicos que caracterizam esta região são as papas de nabijas ou grelos, ou seja, uma sopa básica enriquecida com farinha de milho, para ajudar a saciar a fome durante mais tempo⁵.

⁵ Informações recolhidas no âmbito de uma investigação realizada pela Doutora Paula Machado do Museu Municipal de Valongo.

3.4.2. Alojamento Turístico

O concelho de Valongo não possui um grande número de unidades hoteleiras. No entanto, esse facto é complementado com a grande oferta ao nível hoteleiro na cidade do Porto, bastante próxima do concelho. No total, Valongo possui três estabelecimentos hoteleiros - dois hotéis e uma pensão (INE, 2009). A capacidade de alojamento, na sua totalidade, é de 121 pessoas, dividindo-se em 84 nos hotéis e 37 na pensão (INE, 2009)

Um dos hotéis da cidade é o Hotel Portas de Santa Rita, tal como o nome indica, bastante próximo da Igreja da Santa Rita em Ermesinde, Valongo. Outro estabelecimento hoteleiro presente no concelho é a Residencial Abê, também em Ermesinde, nas proximidades da estação férrea da freguesia. O outro estabelecimento hoteleiro é o recente Park Hotel Valongo (Câmara Municipal de Valongo, 2011).

3.4.3. Acessibilidade

Valongo possui uma rede de transportes que permite aos visitantes a chegada ao concelho em diferentes meios de transporte. No que respeita ao acesso rodoviário, a auto-estrada A3, seguida da A41 (Alfena, Ermesinde e Sobrado) ou da A4 (Ermesinde, Valongo, Campo), são as principais estradas de acesso à cidade. A A41 permite o acesso à cidade, em cerca de 15 minutos para aqueles que chegam ao distrito por via aérea, ao Aeroporto Sá Carneiro.

A cidade possui também acesso por via ferroviária, através dos percursos Porto (São Bento) – Caíde e Caíde – Porto (São Bento) (Câmara Municipal de Valongo, 2011).

3.5. Conclusão

A história de Valongo demonstra o carácter humilde, trabalhador e devoto da sua população. Esse facto está patente na constituição do seu património, recheado de capelas, igrejas e calvários, demonstrando claramente o quão dedicado é o povo valonguense à religião católica. Ainda nos dias de hoje, durante todo o ano, é possível avistar peregrinos deste concelho e de concelhos vizinhos, que se encaminham para a Igreja de Santa Rita em Ermesinde, igreja essa que acolhe sempre muitos visitantes graças à devoção a Santa Rita. Valongo foi, em outros tempos, conhecido pelo fabrico de pão, que abastecia a cidade do Porto com aquela iguaria. O seu pão era feito nos moinhos de água, que funcionavam graças ao rio Ferreira, e era depois transportado pelas padeiras, em cima dos seus burros, que de madrugada se encaminhavam para o Porto.

Um dos grandes momentos históricos da cidade de Valongo foram as Lutas Liberais, lutas essas que marcaram em muito a história evolutiva da cidade, uma vez que uma das grandes batalhas da história dessa guerra civil teve como grande palco a Ponte Ferreira. Graças a este acontecimento, no final das lutas, Valongo foi elevado a vila e a concelho.

4 - VIAGEM ÀS BATALHAS LIBERAIS

4.1. Introdução

Após análise da história da cidade de Valongo foi perceptível que o período histórico da cidade com maior relevância foi de facto o das Batalhas Liberais. Este concelho foi palco de uma das principais batalhas desta guerra civil, a Batalha da Ponte Ferreira.

O património selecionado para fazer parte integrante deste itinerário tem na sua história alguma ligação com estas lutas. O património pode ser inserido em três grupos: os imóveis que foram parcialmente destruídos, os que mudaram as suas funções durante estas batalhas, e os que foram construídos em memória destas batalhas.

Um dos grandes objetivos deste itinerário seria também a disseminação dos visitantes da cidade do Porto e dos benefícios do turismo nesta cidade para territórios vizinhos, nomeadamente para a cidade de Valongo.

Neste capítulo apresenta-se primeiramente a metodologia de definição do itinerário proposto e, posteriormente, descreve-se o referido itinerário.

4.2. Metodologia de definição do itinerário proposto

O objetivo do presente projeto é, tal como já foi referido, criar um itinerário que incluísse património cultural religioso do concelho de Valongo. No entanto, tendo em consideração a proximidade de Valongo relativamente ao Porto, o elevado potencial do Porto em termos de atracção de visitantes, bem como o importante património religioso existente neste concelho, decidiu criar-se um itinerário que incluísse património religioso dos concelhos de Valongo e do Porto. Foi ainda posteriormente incluído no itinerário um imóvel localizado em Matosinhos pela afinidade que apresentava com o restante património do itinerário.

Para um itinerário ter sucesso, tal como já mencionado (ver secção 2.5), tem que estar subjacente ao itinerário um tema unificador e integrador, com o qual todos os elementos patrimoniais incluídos no itinerário estejam relacionados. No sentido de identificar um tema unificador atrativo para o itinerário a criar, procedeu-se a uma análise aprofundada do património religioso de Valongo (ver anexo 1). Sendo possível criar diversos itinerários com base em diversos temas, um dos que se considerou ser mais atrativo foi as “lutas liberais”. A relevância histórica é apontada como um fator que confere competitividade ao

património religioso (ver secção 2.4.2). As lutas liberais constituem um evento de grande relevância para o Porto e para Valongo, existindo património religioso interessante em Valongo e no Porto associado a esta temática.

Verifica-se ainda que em Valongo e no Porto há património arquitetónico para além do religioso que está igualmente relacionado com as lutas liberais. Tendo em consideração que os itinerários religiosos podem integrar outro tipo de património para além do património religioso, tal como mencionado na secção 2.4.2, decidiu incluir-se também no itinerário a propor património de Valongo e do Porto que não era religioso mas que estava relacionado com as lutas liberais. No sentido de compreender melhor as opções relativamente à definição do itinerário, bem como o próprio itinerário, apresenta-se em seguida uma secção com uma breve descrição das lutas liberais, após a qual se apresenta o itinerário proposto no âmbito deste projeto.

4.3. As lutas liberais

Em consequência da invasão das tropas napoleónicas a Portugal, a família real encontrava-se a residir no Brasil (Porto XXI, 2011).

D. João VI falece a Março de 1826, mas antes da sua morte nomeou como “*Herdeiro e Sucessor do Throno de Portugal*”⁶ seu filho D. Pedro Imperador do Brasil (O cerco do Porto em 1832 para 1833, 2010). Sendo detentor da Coroa imperial brasileira, era considerado estrangeiro o que não permitia a sua eleição ao trono português (Liberalismo, 2011). No entanto, a regência, na pessoa da infanta D. Isabel Maria, declarou-o rei de Portugal, apesar de esta decisão ter causado discórdia entre os portugueses e entre brasileiros, sendo que muitos portugueses defendiam a legitimidade do trono de D. Miguel (Sapo, 2011). No ano de 1826, D. Pedro IV outorga a Carta Constitucional (Câmara Municipal do Porto, 2011) e D. Miguel jurou a Carta Constitucional (Sapo, 2011). Porém, pouco tempo passou para que D. Miguel faltasse ao compromisso assumido, tendo nomeado um novo ministério, dissolvendo as Câmaras, e convocadas as cortes, foi proclamado rei (Sapo, 2011), em 1828 (Câmara Municipal do Porto, 2011). Os focos antimiguelistas foram sufocados “*as perseguições, que augmentavam cada dia, causavam a emigração para fóra do Reino de muitos honrados e fieis Cidadãos, entre os quaes se contaram Marquezês, Condes, e outras varias personagens*” (Autor desconhecido, 2010).

⁶ desconhecido. (2010). *O cerco do Porto em 1832 para 1833. Por um portuense.*

Em 1832, o exército liberal, liderado por D. Pedro IV, vindo dos Açores, desembarca no Pampelido (Porto XXI, 2011) para se apoderar da cidade do Porto (Câmara Municipal do Porto, 2011).

“D. Pedro, esse, era o paradigma vivo do general romântico: em todos os sítios e momentos de perigo estava presente, vigiando, animando, dando instruções e, por vezes quando o momento o exigia, servindo, ele mesmo, nas baterias e redutos que visitava. Por isso o povo o designava e saudava como o Rei-Soldado” (Fundação Gulbenkian, 1994, pag. 46).

Durante dois anos, 1832 e 1834, duras e sangrentas batalhas se travaram, causadoras de estragos, mortes e feridos. A população, grande apoiante dos liberais, *“acudiam às linhas e auxiliavam os que combatiam”* (Fundação Calouste Gulbenkian, 1994, pag. 46), *“para as missões mais arriscadas nunca faltavam voluntários. Estudantes imberbes tombavam ao lado de soldados veteranos”* (Fundação Calouste Gulbenkian, 1994, pag. 47). Mais uma vez, Valongo, pela sua situação geográfica, intervinha num conflito nacional, sendo a Batalha de Ponte Ferreira, entre as tropas de D. Pedro e D. Miguel, um facto histórico de relevante significado (Camilo, SD). Esta batalha ocorreu no dia 23 de Julho de 1832 e teve como campo de batalha o lugar de Ponte Ferreira. Segundo o relato feito pelo historiador Luz Soriano, na sua obra *“História do Cerco do Porto”* (citado por Junta de Freguesia de Campo, 2011), participaram nela aproximadamente 23.000 homens, sendo de D. Miguel 15.000 homens e de D. Pedro IV apenas 8.000. Além dos regimentos portugueses, também nela participaram dois batalhões estrangeiros, um inglês e outro francês, ambos sob o comando de D. Pedro IV.

Desde dia 17 do mês de Julho daquele ano, os dois exércitos foram-se debatendo, quer pelos montes, quer pelas ruas de Valongo, até que na manhã de 23 tiveram naquela Ponte a sua grande batalha, a qual durou mais de 12 horas (Junta de Freguesia de Campo, 2011).

Várias batalhas se travaram, com a população apoiando os liberais, e com estas, muitas vidas se perderam, muita fome se passou e muitas doenças se propagaram. O Cerco do Porto é encerrado com a vitória dos liberais, e o burgo viu-se liberto de ameaças prometidas pelos absolutistas caso fossem derrotados (Pacheco, 2002). A subida ao trono de D. Maria II, como Rainha de Portugal, é o culminar desta guerra (Câmara Municipal do Porto, 2011).

A cidade do Porto sofreu a ocupação dos invasores, conseguindo sempre expulsá-los, mas retendo as ideias mais benéficas, não admitindo tutelas, defendendo-se com armas, vidas e

bens (Porto XXI, 2011). A força da cidade e do povo portuense fica marcada na inscrição presente no brasão, a qual diz “Antiga, mui Nobre sempre Leal e Invicta cidade do Porto” (Câmara Municipal do Porto, 2011).

4.4. Itinerário “Viagem às Batalhas Liberais”

Neste capítulo pretende apresentar-se o itinerário proposto no âmbito deste projeto. Propõe-se que os visitantes, ao percorrerem este itinerário, façam uma viagem pela época das lutas liberais, visitando o património que foi afetado ou teve algum tipo de relevância durante este período.

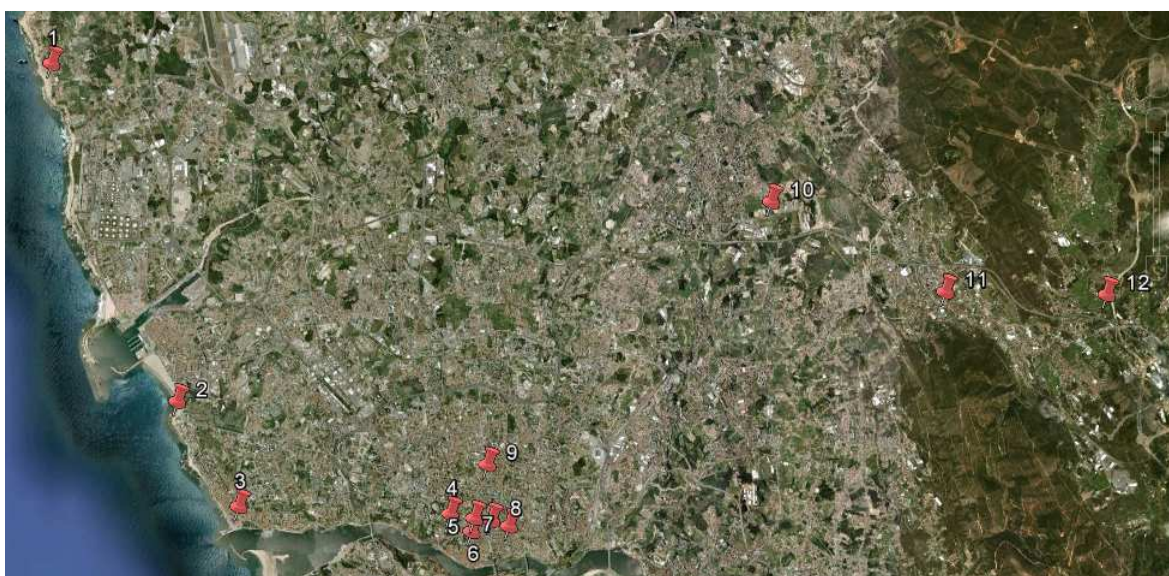


Figura4 – Itinerário proposto no âmbito do presente projeto

- 1 – Obelisco da Memória
- 2 – Castelo do Queijo
- 3 – Forte de S. João Baptista
- 4 – Palácio dos Carrancas / Museu Soares dos Reis
- 5 - Antigo Edifício da Universidade do Porto
- 6 – Igreja da Nossa Senhora da Vitória
- 7 – Palácio da Batalha
- 9 – Estátua de D. Pedro IV
- 10 – Igreja da Lapa
- 11 – Igreja de Santa Rita
- 12 – Museu Municipal de Valongo
- 13 – Ponte Ferreira

Fonte: Google Maps.

No mapa acima está indicado com pontos lilases o património imóvel que, de alguma forma, está relacionado com as lutas liberais e que está integrado no itinerário. Conforme já foi mencionado, este itinerário integra património imóvel religioso e património imóvel

de outras tipologias, tanto de Valongo como do Porto. Sugere-se que o itinerário seja realizado da seguinte forma:

- Obelisco da Memória: monumento construído com o objetivo de relembrar o desembarque de D. Pedro IV neste local (Ramos, SD) (localizado em Matosinhos);
- Castelo do Queijo: utilizado pelas forças de D. Miguel, que dali bombardearam as tropas liberais comandadas por D. Pedro. Na fachada norte pode-se observar o escudo das armas portuguesas (Porto XXI, 2011) (localizado no Porto);
- Forte e Castelo de S. João Baptista: serviu para proteção do desembarque de tropas e abastecimento à cidade (Porto XXI, 2011) (localizado no Porto);
- Palácio dos Carrancas/ Museu Nacional Soares dos Reis: nele esteve instalado D. Pedro IV por algum tempo, até que o fogo das tropas de D. Miguel o obrigaram a transferir-se para uma casa em Cedofeita (Fundação Calouste Gulbenkian, 1994);
- Antigo Edifício da Universidade do Porto: durante o Cerco do Porto este edifício acolheu um Hospital de Sangue de apoio às tropas liberais (Universidade do Porto, 2011) (localizado no Porto);
- Igreja da Nossa Senhora da Vitória: aquando do Cerco do Porto esta Igreja foi frequentemente alvejada pela artilharia de D. Miguel, que se encontrava do lado de Gaia (Porto XXI, 2011) (localizada no Porto);
- Palácio da Batalha: durante as lutas liberais os proprietários deste palacete, abandonaram o local. Na altura o governo liberal tomou então conta do palácio e instalou nele diversas repartições públicas, tendo servido também como Hospital de Sangue durante a guerra civil (Porto XXI, 2011) (localizado no Porto);
- Estátua de D. Pedro IV: monumento representativo da afeição da cidade por este monarca (Porto XXI, 2011) (localizado no Porto);
- Igreja da Lapa: local onde se encontra guardado o coração de D. Pedro IV como prova da sua afeição e reconhecimento pelo povo portuense (Porto XXI, 2011) (localizado no Porto);
- Igreja de Santa Rita e Convento da Formiga: local que serviu de Hospital de Sangue das vítimas das lutas liberais, contendo uma lápide ao lado da escadaria que diz *“Aqui repousam os restos mortais de humildes desconhecidos soldados que sacrificados nas lutas liberais entre D. Pedro e D. Miguel pela ocasião do cerco do Porto (1832/1834) foram sepultados em vala comum no adro desta igreja. R.I.P.”* (Junta de Freguesia de Ermesinde, 2011) (localizada em Valongo);

- Museu de Valongo: local onde D. Miguel pernitoiu (localizado em Valongo);
- Ponte Ferreira: local onde ocorreu a mítica Batalha da Ponte Ferreira, a 1832, entre liberais e absolutistas (Junta de Freguesia de Campo, 2011) (localizado em Valongo).

No itinerário acima apresentado a percentagem de património religioso inserido é de precisamente 25% em relação ao total de imóveis do itinerário. Esta percentagem é semelhante à percentagem de imóveis religiosos existentes em alguns itinerários religiosos (ver anexo 2). No itinerário existe também um tema unificador do património inserido neste circuito - as lutas liberais -, época de grande relevância para a história de Valongo, uma vez que Valongo foi elevado a concelho e a vila após essas lutas, lutas essas que tiveram também palco na freguesia de Campo, concelho de Valongo. A construção do itinerário “Viagem às Batalhas Liberais”, além da temática religiosa também foi elaborado tendo em conta os fatores de atratividade do património religioso apresentados por diversos autores. Desde logo o tema sugere que os imóveis incluídos no itinerário possuem uma grande relevância histórica, tendo estado associados a lutas muito importantes para a região onde se insere o itinerário. Por outro lado, quando se percorre o itinerário é possível contemplar de perto uma belíssima paisagem natural. Em Matosinhos o monumento insere-se na praia, enquanto no concelho de Valongo, a visita dos monumentos é constantemente contemplada com vistas para a estupenda serra que tanto caracteriza esta cidade, a Serra de Santa Justa, componentes que acrescentam valor ao itinerário dando a oportunidade de relaxar nestes locais de grande atratividade (relaxamento é outro elemento de atratividade enunciado por Yang, 2009). O itinerário combina, deste modo, bonitas paisagens urbanas com atrativas paisagens naturais. Em todas as cidades incluídas a beleza do cenário urbano é indiscutível.

Está previsto que o itinerário seja realizado num dia, o que permite a visita de uma respeitável quantidade de património num reduzido espaço de tempo, atraindo o mercado turístico para uma localidade com boas potencialidades mas que ainda não foi descoberta por muitos visitantes do Porto e que poderiam visitar também Valongo, tendo em conta a grande proximidade das duas cidades. Considera-se que é perfeitamente possível que este itinerário ser realizado em um dia ou no máximo, um dia e meio, uma vez que nos itinerários religiosos anteriormente analisados se previa a visita de 5 a 10 imóveis num dia. O itinerário proposto integra 12 imóveis, contendo no entanto alguns imóveis que se localizam relativamente próximos uns dos outros e diversos imóveis de menores

dimensões do que os integrados nos itinerários religiosos analisados. Na sua grande maioria, o itinerário que se propõe terá de ser realizado de carro, podendo ser realizado a pé, unicamente na cidade do Porto.

Um itinerário com esta temática é totalmente inovador e vantajoso para todos os municípios e monumentos incluídos uma vez que possibilitaria a disseminação dos turistas concentrados na cidade do Porto por um concelho vizinho, possibilitando a distribuição de riqueza para o município de Matosinhos, mas principalmente o município de Valongo, sendo a distribuição da riqueza enunciada por Meyer (2004) como objetivo e potencialidade de muitos circuitos turísticos. Este circuito poderia ser ainda uma boa forma de aumentar a estadia e as despesas dos visitantes, atrair turistas que já conhecem a cidade do Porto mas que desejam voltar e conhecer algo mais. O itinerário é também um meio para aumentar a oferta da cidade do Porto e Valongo possibilitando um acréscimo da atratividade dos destinos. Relativamente à designação selecionada para dar nome a este itinerário, verificou-se, na análise de outros itinerários religiosos já existentes (ver secção 2.5), que o nome do circuito muitas vezes só remete para a temática religiosa quando o destino onde se realiza o percurso é muito conhecido pela temática religiosa, como é o caso de Jerusalém, conhecida por ser a Terra Santa e por estar associada a acontecimentos muito importantes para a comunidade religiosa. Tendo em consideração estes aspetos, e dado que os concelhos por onde passa o itinerário não são destinos especialmente conhecidos em termos turísticos pela sua relevância religiosa, optou-se por atribuir uma designação para o itinerário que não remetesse diretamente para a temática religiosa.

Seguidamente apresenta-se uma descrição mais detalhada do património incluído no itinerário.

4.5. Caracterização do património do itinerário

Apresenta-se agora, informação mais detalhada sobre o itinerário e sobre cada um dos imóveis inseridos no itinerário.

Começa-se o itinerário em Leça da Palmeira, freguesia de Matosinhos, mais precisamente na Praia da Memória, onde se encontra o Obelisco da Memória (Figura 5). Memória é o nome que o povo dá ao monumento da praia da Arenosa, em Pampelido (Ramos, SD), construído como forma de evocação do desembarque, a 8 de Julho de 1832 (Câmara Municipal de Matosinhos, 2011) ao amanhecer, dos 7500 homens, vindos dos Açores com D. Pedro IV, para a libertação do país do absolutismo miguelista (Fundação Calouste

Gulbenkian, 1994). D. Pedro, pensando que iria ser bem recebido, enviou a terra Bernardo de Sá para tentar uma negociação com o comandante das forças miguelistas que se encontravam em Vila do Conde. No entanto, aquele, foi rudemente repellido e ameaçado. Navegaram um pouco para sul, e D. Pedro ordenou o desembarque. Ao anoitecer estava concluído o desembarque, “nem um homem se perdera” (Fundação Calouste Gulbenkian, 1994).

Construído por iniciativa de António José Ávila (Ramos, SD), a primeira pedra deste monumento foi colocada 1 de Dezembro de 1840 na presença da rainha D. Maria II e do “Exército Libertador” (Câmara Municipal de Matosinhos, 2011), estando o monumento concluído em 1880 (Fundação Calouste Gulbenkian, 1994). Este monumento, com 16 metros de altura, encontra-se em bom estado de conservação, sendo representativo de um período histórico bastante marcante na cidade e distrito do Porto (graças a esse acontecimento ainda hoje a praia onde se encontra o obelisco chama-se Praia da Memória).



Figura 5 – Obelisco da Memória.
Fonte: Mjfs. Spaceblog, 2008

Já no Porto visitar-se-á os seguintes pontos: Castelo do Queijo e Forte e Castelo de São João Baptista. Começar-se-á então pelo Castelo do Queijo (Figura 6). Este monumento, é vulgarmente assim chamado por ter sido construído sobre o penedo do queijo (IGESPAR,

2011). Em tempos, existiu ali um oratório dedicado a São Francisco Xavier, colocado na sala da casa principal do Castelo (Porto XXI, 2011), facto que justifica o seu nome.

Este monumento foi construído entre o século XV (Porto XXI, 2011) e XVI (IGESPAR, 2011), tinha como objetivo defender o areal compreendido entre Leça da Palmeira e a foz do Rio Douro, impedindo, com a sua artilharia, o desembarque de tropas (Infopédia, 2011). Diz-se que o rochedo onde o castelo foi construído foi um lugar sagrado para uma tribo Céltica - a tribo Draganas - que veio para a Península Ibérica seis séculos antes de Cristo (Porto XXI, 2011).

Neste local, conservam-se cinco velhas bombardas, e nos três ângulos sobressaem as guaritas (Fundação Calouste Gulbenkian, 1994). Durante o cerco do Porto, D. Miguel utilizou este castelo para bombardear as tropas liberais de D. Pedro (Porto XXI, 2011), o que resultou na destruição e ruína de parte do seu perímetro defensivo (Infopédia, 2011).

Este castelo passou por várias tutelas durante os séculos XIX e XX, tendo sido entregue, em 1978, à Associação de Comandos, albergando, atualmente, um museu histórico-militar (IGESPAR, 2011), tendo portanto uma utilidade cultural e educacional.

Para além de ser representativo em termos históricos, este monumento encontra-se em bom estado de conservação.



Figura 6 – Castelo do Queijo.
Fonte: Sala Vip Online, 2011.

Seguidamente visitar-se-á o Forte e Castelo de São João Baptista (figura 7). Este monumento foi construído sobre o mar, a partir de 1560, por ordem da regente do reino, D.

Catarina de Áustria, com o objetivo de “*fortificar as costas marítimas desta cidade*” (Fundação Calouste Gulbenkian, 1994, pag, 29). Concluído no século XVII por ordem de D. João IV, ao invés de cumprir as suas funções guerreiras, sempre foi “*dado à boa paz*” (Fundação Calouste Gulbenkian, 1994). No entanto, serviu para proteção do desembarque de tropas e abastecimento à cidade (Porto XXI, 2011). Atualmente, encontra-se nesse local sediada a Delegação Regional do Instituto de Defesa Nacional (Porto Turismo, 2011). Este imóvel mantém o seu traçado original, com poucas ou nenhuma alteração ao nível exterior, sendo representativo da arquitetura militar e acontecimentos históricos daquele período. Encontra-se em bom estado de conservação, apesar de já não ser utilizado como forte.

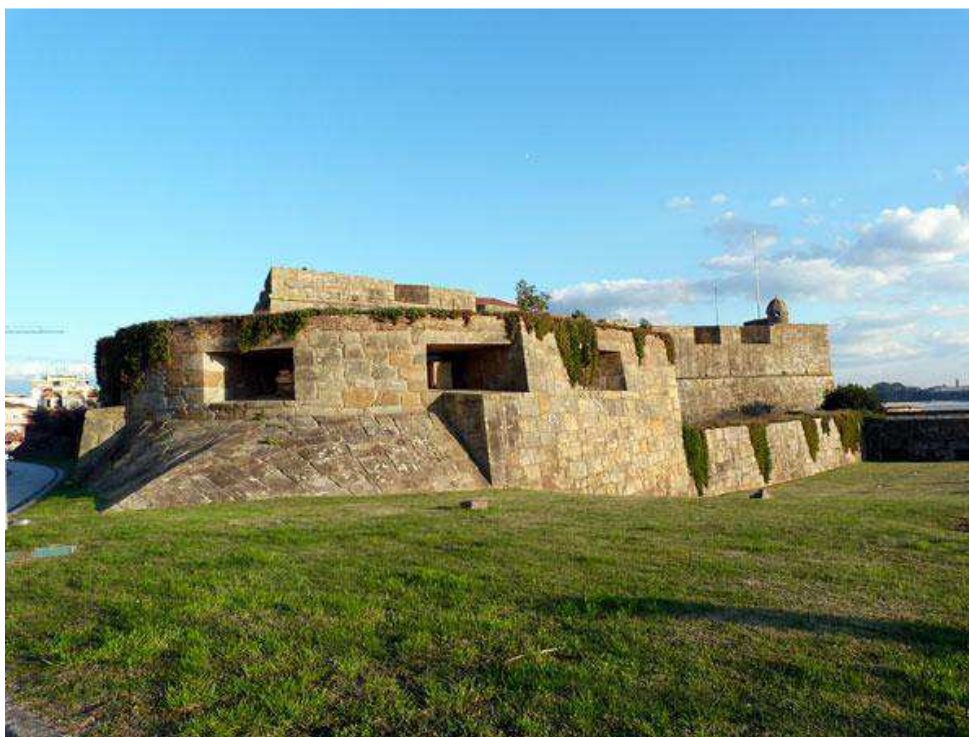


Figura 7 – Forte e Castelo de S. João Baptista.
Fonte: Locais Porto 24, 2011.

Em direção ao centro do Porto, passar-se-á pela zona da Pasteleira, local que, ainda hoje, possui uma viela intitulada de viela dos Mortos, uma vez que, durante o cerco do Porto, as vítimas mortais das batalhas eram deixadas neste local. Diz-se que, ainda hoje, por vezes é possível encontrar objetos dos soldados dessa época.

Já no centro do Porto visitar-se-á, primeiramente, o Palácio dos Carrancas (figura 8) – edifício construído nos finais do século XVIII (Porto Turismo, 2011) pelos dois irmãos,

Morais e Castro, homens bastante abastados (Fundação Calouste Gulbenkian, 1994). Durante a 2ª invasão napoleónica, o palácio serviu de quartel general de Soult, que daí partiu, precipitadamente, em 1809, diante do imprevisto ataque de Wellesley. Durante as lutas liberais, neste palácio instalou-se D. Pedro IV por algum tempo, até que o fogo dos miguelistas, vindo de Gaia, o forçou a mudar-se para uma casa em Cedofeita (Fundação Calouste Gulbenkian, 1994).

Neste edifício encontra-se instalado o Museu Soares dos Reis desde 1940, chamando-se, na época, Museu Portuense de Pinturas e Estampas, tendo sido o primeiro museu público de arte em Portugal (Porto Turismo, 2011).

O já não mantém a função para a qual foi construído, mas possui grandes dimensões e constitui um imóvel riquíssimo ao nível histórico (invasões francesas e guerras liberais) e ao nível cultural (instalado nesse espaço o Museu Soares dos Reis), encontrando-se em bom estado de conservação.



Figura 8 – Palácio dos Carrancas.
Fonte: O nosso rasto, 2009.

Próximo do Palácio visitar-se-á outro edifício que teve uma grande importância durante o cerco do Porto, o Antigo Edifício da Universidade do Porto (figura 9). Este edifício foi construído em 1803, ao estilo neoclássico, financiado com o Subsídio Literário e o imposto sobre o vinho, ao estilo neoclássico, sendo da autoria de Carlos Amarante (Porto Turismo, 2011). Este edifício pertencia ao Colégio dos Meninos Órfãos, que aí se mantiveram até

meados do século XIX (Sigarra Universidade do Porto, 2011). Ao longo de mais de um século este edifício sofreu remodelações, e nele estiveram instaladas a Academia Real de Marinha e Comércio (1803-1837) e a Academia Politécnica do Porto (1837-1911). Durante o Cerco do Porto este edifício acolheu um Hospital de Sangue de apoio às tropas liberais (Universidade do Porto, 2011). De 1911 a 1976 aí se instalou a Reitoria da Universidade do Porto, serviço que mudou de instalações em 1976, regressando em 2006 (Sigarra Universidade do Porto, 2011). Este edifício também não mantém a sua traça original nem a mesma utilidade, mas torna-se relevante pela sua grandeza, beleza, importância histórica (Hospital de Sangue durante as lutas liberais) e cultural.



Figura 9 – Reitoria da Universidade do Porto.
Fonte: Tibagi, 2010.

Visita-se de seguida a Igreja da Nossa Senhora da Vitória (figura 10), templo construído em 1539 por vontade do bispo D. Fr. Marcos de Lisboa (Porto XXI, 2011) e reconstruído no século XVIII depois de um incêndio de grande escala (Porto Turismo, 2011), com dinheiro do bispo D. Fr. António de Sousa e com esmolas de fiéis (Porto XXI, 2011). Durante as lutas liberais, esta igreja foi frequentemente alvejada provocando “*mossas causadas pelos bombardeamentos miguelistas nas paredes da Igreja da Senhora da Vitória*” (Pacheco, 2002, pag. 130), postados em Gaia (Porto XXI, 2011). Do tesouro desta igreja destaca-se um pálio de lhamas de prata, com as armas, bordadas, do bispo D. Fr. António de Sousa, e alguns bons móveis do século XVIII (Porto XXI, 2011).

Templo que sofreu várias alterações à sua estrutura inicial, muito graças à componente histórica que esta igreja carrega (bastante afetada durante as lutas liberais), este edifício é muito bonito e tranquilo, facto que caracteriza os locais sagrados de adoração a deuses ou santos.



Figura 10 - Igreja de Nossa Senhora da Vitória.
Fonte: Portojofotos, 2010

Segue-se a visita ao Palácio da Batalha (figura 11) mandado construir por um cavaleiro da Casa Real nos finais do século XVIII. Aquando do falecimento daquele, o palácio veio a pertencer a outros e vários proprietários, também fidalgos da Casa Real, sendo que o último a habitar o edifício permaneceu nele até 1832. Este último proprietário mandou colocar na frontaria do palácio, sobre a janela central, um brasão (escudo esquadrelado dos Silvas, Guedes, Melos e Pereiras, assente numa tarja acompanhada de troféus e encimada por um coronel já bastante mutilado), que ainda se encontra no palácio, apesar de este já ter mudado de dono há mais de 100 anos (Porto XXI, 2011).

Durante o cerco do Porto os proprietários abandonaram o palácio, refugiando-se numa quinta. O governo liberal tomou conta do palácio e instalou nele diversas repartições públicas, tendo o palácio servido também como hospital de sangue (Porto XXI, 2011).

Este local que não conserva exatamente a sua traça original. No entanto, continua a ser um belíssimo edifício, que possui uma grande riqueza histórica.



Figura 11 – Palácio da Batalha.
Fonte: Wikipédia, 2011.

Segue-se para a Praça da Liberdade (figura 12) onde se encontrará a Estátua de D. Pedro (figura 13). O facto de esta estátua estar colocada nesta praça tem o seu significado, uma vez que “Praça no Porto, quer dizer símbolo, instituição, marco ou referência” (Pacheco, 2002, pag. 136). Nesta praça, pouco tempo antes da entrada de D. Pedro IV na cidade, foram executados alguns liberais, da fracassada rebelião antimiguelista de Aveiro de 1829. Esses presos políticos foram conduzidos em cortejo, sob escolta, da prisão da Relação à Praça Nova (atual Praça da Liberdade), e ali foram enforcados a 7 de Maio de 1829. A Câmara Municipal, em 1914, mandou inscrever os seus nomes no pedestal do monumento (Fundação Calouste Gulbenkian, 1994).

A, hoje conhecida como Praça da Liberdade foi aberta no século XVIII, e ao longo da sua existência esta conheceu várias designações toponímicas. Antes da sua abertura foi conhecida como Campo das Hortas (antes de 1711), Casal de Novais (no século XV), Largo da Natividade (depois de 1682, devido à fonte lá construída nesse ano), Praça Nova das Hortas (depois de 1711). Depois da sua abertura designou-se Praça da Constituição (em 1820), Praça Nova (em 1823), Praça de D. Pedro IV (em 1833, por ter sido da Varanda do Município (no lado oposto ao Passeio das Cardosas) que o soberano

proclamou a Carta Constitucional sob a respetiva bandeira), Praça da República (13 de Outubro de 1910, como comemoração do novo regime) (Porto XXI, 2011) e, a 27 do mesmo mês, assumiu a sua atual designação (Pacheco, 2002) - Praça da Liberdade.



Imagem 12 – Praça da Liberdade.
Fonte: António Ramos, 2008.

Ao centro, nesta praça, encontra-se a estátua equestre de D. Pedro IV (figura 13). O Rei-Soldado é representado de grande uniforme, com chapéu de dois bicos, na atitude de oferecer a Carta Constitucional, pela qual se batera heroicamente, dentro do Porto, com a ajuda perseverante e abnegada da população (Fundação Calouste Gulbenkian, 1994). A primeira pedra foi colocada em 1862 e o monumento foi inaugurado a 1866, sendo da autoria do escultor francês Calmels (Fundação Calouste Gulbenkian, 1994). Em Lisboa, no Rossio, existe também uma estátua em memória de D. Pedro IV, que curiosamente, foi também esculpida por um escultor francês, provavelmente por ter sido na França que eclodiu a grande Revolução Liberal (Porto XXI, 2011). Depois do monumento de D. José I, no Terreiro do Paço (obra de Machado Castro), a estátua equestre de D. Pedro IV existente no Porto é a estátua equestre mais valiosa que o país possui, superando como obra de arte a estátua de D. João IV (de Francisco Franco) de Vila Viçosa (Fundação Calouste Gulbenkian, 1994). Há quem diga que a quantidade de patas que o cavalo tem no

chão, numa estátua equestre, tem o seu significado. Ou seja, quando as quatro patas do cavalo estão no solo, significa que o homenageado morreu de causa natural, se uma das patas estiver no ar, quer dizer que ele morreu de ferimentos resultantes de uma batalha, se duas patas estiverem levantadas, significa que ele morreu em batalha (Feira do Cavalo, 2011). Não se encontraram referências bibliográficas, científicas, que comprovasse este facto, no entanto, fica o apontamento desta pequena curiosidade. Monumento belíssimo, caracterizado pela sua beleza artística e riqueza cultural, Esta estátua mantém-se autêntica e em ótimo estado de conservação.

O pedestal de mármore é ornado de dois baixos-relevos, um deles, o de Oeste, representa o momento em que o ex-Imperador do Brasil, tendo desembarcado no areal de Pampelido, entrega ao comandante do batalhão dos Voluntários da Rainha a bandeira bordada pelas damas do Faial; o outro, representa a entrega à Câmara Municipal do Porto da pequena urna com o coração de D. Pedro IV (Fundação Calouste Gulbenkian, 1994), que se encontra guardado na Igreja da Lapa.



Figura 13 – Estátua equestre de D. Pedro IV.
Fonte: Porto xxi, 2011.

A visita prossegue para a Igreja da Lapa (figura 14). A antiga capela era de pequenas dimensões, mas nela se guardava a imagem de Nossa Senhora da Lapa, e ali iam muitos penitentes e, por isso, passou a chamar-se Capela de Nossa Senhora da Lapa das Confissões. A Igreja da Lapa, em estilo Neoclássico, começou a ser construída por volta de 1780, ficando a escadaria concluída em 1826. Porém, a torre do lado poente conclui-se em 1855 e a outra em 1863 (Porto XXI, 2011).

D. Pedro IV, líder das tropas liberais, doou ao povo portuense, como prova de afeição e reconhecimento, o seu coração. O coração do Imperador e Rei de Portugal, está cuidadosamente guardado num vaso de prata dourada da Igreja da Lapa, que tem presente duas inscrições, uma das quais refere o seguinte: *“D. Pedro, Duque de Bragança, fundador da liberdade pública, seu doador e vingador, havendo por impulso da Divindade e com a sua grandeza de alma, aportado às praias do Porto e tendo ali, com o seu exercito e pela grande e quase incrível ajuda que lhe prestaram os Portuenses, vingando ao mesmo tempo e com justas armas, a Portugal, tanto de tirano que o oprimia como de toda a sua facção, elegendo o Duque, por isto mesmo, e ainda em vida, aquele lugar onde tão magnanimamente expôs a própria vida pela Pátria, para nela, depois de morte descansar o seu Coração, Amélia Augusta, amantíssima consorte do Duque, querendo, de boa vontade, cumprir o voto de seu Esposo, colocou, reverentemente, nesta urna, os despojos mortais do Coração de seu marido.”* (Porto XXI, 2011).

Templo religioso de grandes dimensões, do século XVIII, em ótimo estado de conservação, com uma riquíssima vertente artística, histórica (local onde se encontra o coração de D. Pedro IV), esta igreja é um local sagrado (de adoração), como tal, possui a tranquilidade que caracteriza estes espaços, sendo um local admirável para ser observado.



Figura 14 – Igreja da Lapa.
Fonte: António Ramos, 2009.

Após as lutas liberais, já durante o reinado de D. Maria II e graças a uma reforma administrativa do País (Câmara Municipal de Valongo), Valongo é elevado a concelho em 1836 e a vila em 1837, passando a ser constituído por seis freguesias: Valongo, Alfena e Asmes (pertencentes ao concelho da Maia); S. Martinho de Campo e Sobrado (pertencentes ao concelho de Aguiar de Sousa), e Gandra (que pertencia ao concelho de Paredes). As freguesias rapidamente passaram a cinco, que ainda hoje se mantêm.

Em direção a Valongo, o primeiro monumento a ser visitado é a Igreja de Santa Rita (figura 15). No adro arborizado, fronteiro à igreja, habita a tranquilidade, e ao lado da escadaria encontra-se uma lápide que diz *“Aqui repousam os restos mortais de humildes desconhecidos soldados que sacrificados nas lutas liberais entre D. Pedro e D. Miguel pela ocasião do cerco do Porto (1832/1834) foram sepultados em vala comum no adro desta igreja. R.I.P.”*, o próprio D. Miguel esteve neste local várias vezes, em visita às suas tropas (Junta de Freguesia de Ermesinde, 2011).

A história deste templo remonta-nos para o início do século XVIII. O capitalista portuense Francisco da Silva Guimarães possuía a esplêndida quinta de recreio da Mão Poderosa (Pacheco, 1986). Em 1745 a propriedade foi doada aos Ermitas Descalços de St.º Agostinho para a fundação de uma igreja ou convento e na condição de eles e seus

descendentes, ali serem sepultados na Igreja, e serem rezadas duas missas diárias nesse local (Junta de Freguesia de Ermesinde, 2011). A primeira pedra desta igreja foi lançada em 1749 (Pacheco, 1986), sob as ordens do Frei António da Anunciação, doutor de Teologia e professor da Rainha D. Vitória. Entre as várias doações e legados que permitiram a construção desta igreja, destaca-se o real patrocínio daquela rainha, cujas armas para sempre ficaram gravadas no templo (Junta de Freguesia de Ermesinde, 2011). A Igreja seria dedicada à Beata Virgem Maria, mas com a invocação à Nossa Senhora do Bom Despacho. Aparece também desde o início a referência da Santa Rita de Cássia, que desde sempre foi venerada por esta Congregação e cujo nome sobrepôs o da invocação (Junta de Freguesia de Ermesinde, 2011).

Importante centro de culto, esta Igreja ainda hoje, como no passado, é local onde convergem todos os domingos centenas de peregrinos, a prestar culto à Santa Rita e a cumprir as suas promessas (Junta de Freguesia de Ermesinde, 2011).

Templo de relativa grandeza, que possui uma marcante vertente histórica (pelo facto de ter sido Hospital de Sangue durante o período liberal) e cultural (visto que é o local de eleição para a realização de peregrinações não só na cidade de Valongo, como no distrito do Porto) é também um local sagrado (de adoração a Santa Rita) que se caracteriza pela sua tranquilidade, característica de locais de adoração a deuses ou santos. Esta igreja mantém ainda a sua autenticidade (reduzidas ou nenhuma alterações à sua estrutura inicial), e encontra-se em ótimo estado de conservação, o que torna este monumento bastante atrativo.



Figura 15 – Igreja de Santa Rita.
Fonte: Junta de Freguesia de Ermesinde, 2011.

Antes de se chegar ao próximo destino - o Museu de Valongo - é de salientar uma das mais longas ruas de Valongo - a Rua D. Pedro IV - precisamente em memória e homenagem ao Rei-Soldado, tão amado e respeitado (Quem sai de Valongo, pela serra, em direção a Gondomar, pode encontrar, por sua vez, uma rua com o nome “Estrada de D. Miguel”, por aí terem passado as tropas miguelistas).

Visitar-se-á, de seguida, o Museu de Valongo (figura 16). Este encontra-se instalado num edifício mandado construir por Bernardo Martins da Nova nos inícios do século XIX, ao qual foi acrescentada a capela de S. Bruno em 1825. Em 1836, com a elevação de Valongo a Concelho, nele foi instalada a sede da Câmara, no ano seguinte, sendo transferida para as atuais instalações, em 1989. Pelo seu valor histórico e arquitetónico nasce a ideia de proceder à sua remodelação, de modo a torná-lo apto para a instalação do Museu Municipal, o que veio a acontecer a 1 de Junho de 2001, como museu de história local (Câmara Municipal de Valongo). Este local encontra-se em ótimo estado de conservação, fator bastante relevante no que concerne à atratividade do património.



Figura 16 – Museu e Arquivo Histórico de Valongo.
Fonte: Escape, aeiou, 2011.

Seguidamente, visitar-se-á o monumento, em Valongo, mais marcante da presença das lutas liberais em Valongo - a Ponte Ferreira (figura 17). O regime despótico de D. Miguel constitui tal prelúdio que havia de conduzir para uma violenta luta civil de portugueses contra portugueses, Liberais contra Absolutistas. Durante dois anos, 1832 e 1834, duras e sangrentas batalhas se travaram, causadoras de estragos, mortes e feridos. Mais uma vez, Valongo, pela sua situação geográfica, intervinha num conflito nacional, sendo a Batalha de Ponte Ferreira um facto histórico de relevante significado (Camilo, SD).

A Batalha de Ponte Ferreira, travada entre as tropas de D. Pedro e D. Miguel, ocorreu no dia 23 de Julho de 1832. Aqueles dois exércitos travaram uma das suas mais importantes batalhas no lugar de Ponte Ferreira. Segundo o relato feito pelo historiador Luz Soriano, na sua obra “História do Cerco do Porto” (citado por Junta de Freguesia de Campo, 2011), nela participaram aproximadamente 23.000 homens, sendo de D. Miguel 15.000 homens e de D. Pedro IV apenas 8.000. Além dos regimentos portugueses, também nela participaram dois batalhões estrangeiros, um inglês e outro francês, ambos sob o comando de D. Pedro IV.

Desde o dia 17 do mês de Julho daquele ano, os dois exércitos foram-se debatendo, quer pelos montes, quer pelas ruas de Valongo, até que na manhã de 23 tiveram naquela Ponte a sua grande batalha, a qual durou mais de 12 horas (Junta de Freguesia de Campo, 2011).

A companhia ENTREtanto Teatro, com o apoio da Câmara Municipal de Valongo, tem-se realizado, *in loco*, uma recriação histórica desta batalha (Câmara Municipal de Valongo, 2011).

A Ponte Ferreira encontra-se em bom estado de conservação, é de origem medieval e tem grande importância histórica (integrante da via Porto–Amarante, e, principalmente, Batalha da Ponte Ferreira), apesar das suas modestas dimensões.



Figura 17 – Ponte Ferreira, Campo, Valongo.
Fonte: Junta de Freguesia de Campo, 2011.



Figura 18 – Recriação Batalha da Ponte Ferreira.
Fonte: Câmara Municipal de Valongo, 2011.

4.6. Conclusão

Neste capítulo foi apresentado o itinerário religioso/cultural, que teve como grande temática unificadora as lutas liberais e designado por “Viagem às Batalhas Liberais”. Conforme apreendido através da análise de itinerários religiosos, a designação atribuída a um itinerário religioso não tem necessariamente que fazer alusão à temática religiosa e este tipo de itinerários não têm que ter uma elevada percentagem de património religioso, podendo também incluir outro tipo de património. O itinerário proposto inclui, além de

património religioso normalmente integrado em itinerários religiosos – igrejas -, bem como património militar (ex: castelos e fortes), património civil (ex: pontes, museus, palácios). Tendo em atenção o património integrado no itinerário e a temática integradora do património, pode concluir-se que este itinerário tem a vantagem de associar a vertente religiosa à importância histórica, aspetos que lhe podem conferir uma elevada competitividade.

As pessoas sentem-se normalmente atraídas por circuitos em que se possa visitar o maior número possível de imóveis no menor período de tempo possível. O que se propõe neste itinerário é que se realize esta rota durante um dia ou um dia e meio, visitando-se 12 imóveis no total. Propõe-se a visita a património de 3 cidades do distrito do Porto - Matosinhos, o próprio Porto e Valongo. No sentido de disseminar o elevado número de turistas que o Porto consegue atrair e os ganhos da atividade económica do turismo por territórios vizinhos do Porto. Este circuito tem ainda a vantagem de contemplar lindíssimas paisagens naturais, como é o caso da Praia de Matosinhos e a Serra de Santa Justa, e agradáveis paisagens urbanas, nomeadamente paisagens das três cidades incluídas no itinerário. Estes dois fatores são bastante pertinentes no que respeita à seleção dos itinerários por parte dos consumidores.

5. CONCLUSÃO

Com base na literatura existente sobre turismo religioso foi possível perceber que existem dois tipos de turistas religiosos: os turistas puramente religiosos, casos em que as circunstâncias que levam à participação na viagem religiosa estão necessariamente relacionadas com crenças religiosas, o que influenciará definitivamente o destino da viagem; e os turistas culturais religiosos, que visitam locais religiosos não necessariamente pela sua crença ou religiosidade, mas sim pelo valor cultural do património religioso.

A procura deste tipo de turismo tem apresentado números continuamente crescentes e, segundo a OMT, a tendência é que essa procure continue a aumentar. Existe uma grande diversidade de monumentos religiosos, desde igrejas, capelas, locais associados a algum acontecimento bíblico, como é o caso de Fátima e da Terra Santa, entre outros. Segundo a comunidade científica, alguns dos fatores mais atrativos deste tipo de património, estarão relacionados com a arquitetura, a época de construção, o estilo arquitetónico, no entanto, os fatores que mais atraem os turistas religiosos são, sem dúvida, factos relacionados com a santidade do local, se o local é mencionado na bíblia isso é um enorme fator de atração para o público religioso.

O concelho de Valongo tem diversos tipos de património natural e cultural, sendo uma terra com marcantes vestígios de presença romana, como é o caso dos Fojos, grandes escavações de onde era extraído ouro, o topónimo que designa esta cidade, “Vallis Longus” que significava “vale comprido”, e alguns objetos do quotidiano daquela época. Ao nível do património cultural edificado, predomina em Valongo o património religioso. Existem em Valongo várias igrejas, muitas capelas e ainda outro tipo de património religioso tal como cruzeiros.

A cidade de Valongo sempre teve grande ligação com a cidade do Porto, uma vez que Valongo era a cidade das padeiras, e essas padeiras deslocavam-se ao Porto para vender o seu pão. O pão que se comia no Porto era necessariamente de origem valonguense. A

proximidade geográfica entre estas duas cidades também tem contribuído para o estreitar desta relação. Um facto histórico bastante marcante para a história das duas cidades tem a ver com o período das guerras liberais no Porto e que este associado a determinados imóveis religiosos, tendo tido algum impacte sobre eles. Durante 1832 e 1833, o Porto foi bastante afetado pelas batalhas entre o exército de D. Pedro IV e D. Miguel. Um dos momentos mais marcantes deste período ocorreu em Valongo, mais precisamente na Ponte Ferreira em Campo. Ainda hoje se lembra essa batalha, encenada pelo Teatro que retrata, in loco, esta batalha sangrenta.

O período das lutas liberais foi de facto o período escolhido como temática agregadora do itinerário proposto neste Projeto. Os monumentos que integram este itinerário foram escolhidos por terem sido afetados durante o período das Lutas (como a Igreja da Nossa Senhora da Vitória, no Porto), por terem mudado de funções durante este período (tal como a Igreja da Santa Rita, em Ermesinde, e o Antigo Edifício Histórico da Universidade do Porto, no Porto, que serviram de Hospital de Sangue), por aí terem acontecido situações marcantes das lutas (como é o caso da Ponte Ferreira, em Valongo, onde ocorreu uma batalha muito importante), ou por estão relacionados com esta batalha mas que só tiveram maior relevância no final das lutas liberais (como a Igreja da Lapa e a Estátua de D. Pedro IV, ambos no Porto).

O itinerário proposto contempla a visita a três cidades diferentes - Matosinhos, Porto e Valongo. A temática de ligação entre o património cultural dessas cidades incluído no itinerário foi o facto de existir, na sua história, algum tipo de ligação com as batalhas liberais. A visita dessas três cidades irá provocar a disseminação de proveitos resultantes da atividade turística. Uma vez que a cidade do Porto possui um grande reconhecimento a nível internacional como destino de eleição de turismo cultural, com este itinerário torna-se possível dar a conhecer as outras duas cidades, e principalmente Valongo, uma vez que possuem também grandes potencialidades de atração em termos de atividade turística que, até ao momento, não são muito conhecidas.

A realização deste projeto teve também algumas limitações. Uma das maiores dificuldades deste Projeto foi a reduzida informação bibliográfica no que concerne ao turismo religioso e itinerários religiosos, principalmente no que se refere a itinerários religiosos de curta duração. Uma limitação é o facto de não se ter implementado o itinerário e não se ter

testado o itinerário, avaliando a satisfação dos visitantes que percorressem o itinerário. Outra limitação é o facto de se ter restringido a conceção de itinerários, por constrangimentos temporais e financeiros, a um só itinerário.

Pesquisas futuras poderão ser realizadas após a implementação do itinerário, com o objetivo de avaliar a satisfação dos visitantes que percorrem o itinerário e de avaliar o real impacto do itinerário no território em que se insere. Seria também interessante realizar alguma investigação no sentido de propor a criação de outros itinerários relacionados com o património religioso, por exemplo um itinerário em que se explorasse a complementaridade existente entre o património religioso de Valongo e a atividade agrícola desta região, atividade particularmente importante neste território.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- Albers, L. (1998). Evaluating historical buildings and gardens. In Ashgate (Ed.), *Planning for our cultural heritage*. Aldershot, England.
- Almeida, C. A. F. d. (1968). *Vias Medievais Entre-Douro-e-Minho*. Faculdade de Letras da Universidade de Letras, Porto.
- Alves, M. (Ed.) (1976) Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura (Vols. 18). Lisboa.
- Arriba, C. G. d. (2006). Turismo Religioso y el Valor Sagrado de los Lugares: simbologia identitária y patrimonialización des Monasterio de Santo Toribio de Liébana (Cantabria). *Cuadernos de Turismo*, 18, 77 - 102.
- Autor desconhecido, *O Cerco do Porto em 1832 para 1833. Por um portuense*, 2010
- Azevedo, M. J. C. d. (1999). *A Igreja Matriz de Valongo*. Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Porto.
- Briedenhann, J., & Wickens, E. (2003). Tourism Routes as a tool for the economic development of rural areas - vibrant hope or impossible dream? *Tourism Management*, 24, 71-79.
- Bywater, M. (1994). Religious travel in Europe. *Travel and Tourism Analyst*, 2, 39-52.
- Câmara Municipal de Valongo, 2005. "Valongo Natura", boletim informativo nº 4.
- Camilo, J. d. S. (SD). *História de Valongo - subsídios para a sua interpretação*. Valongo.
- Collins-Kreiner, N., & Kliot, N. (2000). Pilgrimage tourism in the Holy Land: the behavioural characteristics of Cristian pilgrims. *GeoJournal*.
- Collins-Kreiner, N. (2010). Geographers and pilgrimages: changing concepts in pilgrimage tourism research. *Tijdschrift Voor Economische En Sociale Geografie*, 101(4), 437-448.
- Cruchley-JonesP. (2009). A garland in place of ashes: transformative spirituality and mission in the post-modern and secular contexts. *International Review of Mission*, 98(2): 232-244. In Gutic, J., Caie, E., & Clegg, A. (2010). In search of

heterotopia? Motivations of visitors to an English Cathedral. *International Journal of Tourism Research*, 12, 750-760.

Fernandes, C., Richards, G., & Rebelo, M. (2008). O Turismo Religioso no Norte de Portugal: a avaliação do seu potencial de desenvolvimento. *Revista Turismo e Desenvolvimento*, 9, 45 - 46.

Fundação Calouste Gulbenkian (1994). *Guia de Portugal. Entre Douro e Minho I - Douro Litoral* (3ª ed. Vol. 4º).

Gonzalo, M. C. P. (2006). Turismo Cultural, Turismo Religioso Y Peregrinaciones en Navarra - Las Javieradas como caso de estudo. *Cuadernos de Turismo*, 18, 103 - 134.

Gutic, J., Caie, E., & Clegg, A. (2010). In search of heterotopia? Motivations of visitors to an English Cathedral. *International Journal of Tourism Research*, 12, 750-760.

Josan, I. (2009). Pilgrimage - a rudimentary form of modern tourism. *GeoJournal of tourism and Geosites*, 4, 160-168.

Law, C. M. (2001). *The demand for tourism*. Paper presented at the Novas estratégias para o turismo.

Leal, A. S. d. A. B. P. (1882). *Portugal Antigo e Moderno* (Vol. 10). Lisboa.

Lew, A. A., & McKercher, B. (2002). Trip destinations, gateways and itineraries: the example of Hong Kong. *Tourism Management*, 23, 609-621.

Letos, C., & Muntele, I. (2010). Cultural-religious potential of neamt depression as essential premise for local tourism development. *GeoJournal of tourism and Geosites*, 5, 71-81. Marques, M. C. (2001). *Novos produtos no sector do turismo: produtos urbanos e rurais*. Paper presented at the Novas Estratégias para o turismo.

Lourens, M. (2007). Route tourism: a roadmap for successful destinations and local economic development. *Development Southern Africa*, 24, 475-489. Mintel. (2005). Religious Tourism. *Travel and Tourism Analyst*, 4.

Lourens, M. (2007). *The Underpinnings for Successful Route Tourism Development in South Africa*. University of the Witwatersrand, Johannesburg.

Meyer, D. (2004). *Tourism routes and gateways: key issues for the development of tourism routes and gateways and their potential for pro-poor tourism*. London.

Mintel. (2010). Cultural and Heritage Tourism. *International Travel and Tourism Analyst*, 8.

- Nijkamp, P. (1998). Quantity and quality: evaluation indicators for our cultural-architectural heritage. In Ashgate (Ed.), *Planning for our cultural heritage*. England.
- Oliveira, L. V. d. (2001). *tendências de evolução do Turismo aos níveis mundial, europeu e nacional*. Paper presented at the Novas estratégias para o turismo.
- OMT. (2005). World arrivals by purpose of visit (including estimations for countries with missing data).
- Pacheco, H. (1984). *Porto*.
- Pacheco, H. (1986). *O grande Porto*. Lisboa.
- Pacheco, H. (2002). *Porto, memória e esquecimento* (2ª ed.).
- Pereiro, X. (2002). Itinerários Turístico-Culturais. *Actas do III Congresso de Trás-os-Montes*.
- Poria, Y., Reichel, A., & Biran, A. (2006). Heritage site perceptions and motivations to visit. *Journal of Travel Research*, 44, 318-326.
- Prieto, J. G., & Díaz, C. G.-Q. (1991). *Rutas e itinerarios turísticos en España*. Madrid.
- Ramos, A. F. (SD). *Lavra - Apontamentos para a sua monografia*.
- Reis, J. A. L. (1904). *A Villa de Vallongo, suas tradições e história, descrição, costumes e monumentos*. Porto.
- Rinschede, G. (1992). Forms of religious tourism. *Annals of Tourism Research*, 19(1), 51-67.
- Rivera, M. A., Shani, A., & Severt, D. (2009). Perceptions of service attributes in a religious theme site: an importance - satisfaction analysis. *Journal of Heritage Tourism*, 4, 227-243.
- Rogerson, C. M. (2007). Tourism routes as vehicles for local economic development in south Africa: the example of the magaliesberg meander. *Urban Forum*, 18, 49-69.
- Russel, P. (1999). Religious travel in the new millennium. *Travel and Tourism Analyst*, 5.
- Sacred Britains, (2006). Sacred Britains. Places of Worship and the tourism destination experience: an agenda for action. Sacred Britain Working Group. In Gutic, J., Caie, E., & Clegg, A. (2010). In search of heterotopia? Motivations of

visitors to an English Cathedral. *International Journal of Tourism Research*, 12, 750-760.

Shackley, M. (2008). Management Challenges for Religion-Based Attraction. In A. Fyall, B. Garrod, A. Leask & S. Wanhill (Eds.), *Managing Visitor Attractions: new directions* (pp. 253-263): Butterworth-Heinemann.

Tapada, A. (1986). *Notas para o estudo da emigração no concelho de Valongo na segunda metade do século XIX*. Valongo.

Vukonic, B. (1998). Religious Tourism: Economic Value or an Empty Box? *Zagreb International Review of Economics & Business*, 1, 88-94.

Yale, P. (1990). Religious Heritage. In E. publications (Ed.), *From tourist attractions to heritage tourism*. Huntingdon.

Yang, O. L. W., Hui-Min, G., & Ryan, C. (2009). Itinerary Planning and Structured Travel - preferences by outbound chinese holidaymakers. *An International Journal of Tourism and Hospitality Research*, 20, 119-133.

Yunis, E. (2006). Religious tourism and sustainability. Paper delivered at International Conference on Religious Tourism. In Gutic, J., Caie, E., & Clegg, A. (2010). In search of heterotopia? Motivations of visitors to an English Cathedral. *International Journal of Tourism Research*, 12, 750-760.

Webgrafia:

Aeiou Escape:

<http://aeiou.escape.pt/museu-municipal-arquivo-historico-valongo-10189>

Câmara Municipal de Matosinhos:

<http://www.cm-matosinhos.pt/>

Câmara Municipal do Porto:

<http://www.cm-porto.pt/>

Câmara Municipal de Valongo:

<http://www.cmvalongo.net/>

Centenário Universidade do Porto:

http://centenario.up.pt/ver_espaco.php?id_espaco=4

Cityrama:

http://www.cityrama.pt/index_en.html

Feira do Cavalo:

<http://www.feiradocavalo.com/>

Geostar:

<http://www.geostar.pt/>

Infopédia:

<http://www.infopedia.pt/>

IGESPAR:

<http://www.igespar.pt/pt/>

Instituto Nacional de Estatística:

http://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine_main

Jornal de Notícias:

http://www.jn.pt/paginainicial/pais/concelho.aspx?Distrito=Porto&Concelho=Porto&Option=Interior&content_id=1037267&page=2

Junta de Freguesia de Alfena:

<http://www.freguesiadealfena.pt/main.php?id=4>

Junta de Freguesia de Campo:

<http://www.jf-campo.pt/?p=historia>

Junta de Freguesia de Ermesinde:

http://www.jf-ermesinde.pt/index.php?option=com_content&view=article&id=26&Itemid=10

Liberalismo no Sapo:

http://liberalismo.no.sapo.pt/lutas_liberais.htm

Museu do Brinquedo de Évora:

<http://www.evora.net/ludoteca/default.htm>

Porto Turismo:

<http://www.portoturismo.pt/Visitar/Paginas/default.aspx>

Porto XXI:

<http://www.portoxxi.com>

Rádio Televisão Portuguesa (RTP 1):

<http://tv1.rtp.pt/noticias/index.php?t=Patrimonio-natural-de-Valongo.rtp&headline=20&visual=9&tm=8&article=210382>

Regional Editora:

http://www.regional-editora.com/distritos/porto/valongo/historia/2_historia.htm

Santuário de Fátima:

<http://www.santuاريو-fatima.pt/portal/index.php?id=2421>

Sigarra Universidade do Porto:

http://sigarra.up.pt/up/web_page.inicial

Valongo Ambiental:

<http://www.valongoambiental.com/index.php?section=1>

Via Lusitana:

<http://www.vialusitana.org/>

Vias Romanas:

<http://viasromanas.planetaclix.pt/vrinfo.html#estradas>

ANEXOS

	Igreja Matriz de Valongo	Igreja Matriz de Campo	Capela do Sr. dos Aflitos	Igreja de Santa Rita	Calvário da Costa	Calvário de Cabeda	Capela de N.º Sr.ª da Conceição	Capela de N.º Sr.ª do Amparo
Estilo arquitectónico/arquitectura								
Idade	Obras iniciaram-se em 1794 e prolongaram-se até 1836	Edificada em 1904	Século XIX	Século XVIII, primeira pedra lançada a 1749	constituído por 6 cruzeiros, datado de 1776	constituído por 7 cruzeiros datado de 1733	Edificada em 1733	Mandada edificar em 1697
Arquitecto								
Autenticidade do local	Local mantém-se autêntico, sem alterações na sua construção nem da sua utilidade. Continua a ser utilizada como templo religioso	Local mantém-se autêntico, sem alterações na sua construção nem da sua utilidade. Continua a ser utilizada como templo religioso	Templo continua a ser utilizado como local de orações	Local mantém-se autêntico, sem alterações na sua construção nem da sua utilidade. Continua a ser utilizada como templo religioso	Local mantém-se autêntico	Local mantém-se autêntico	Local mantém-se autêntico	Sofreu ampliações em 1734, por ser pequena. Nos anos 60 e 70 do século XX sofreu melhoramentos através de dádivas particulares. Actualmente serve de capela mortuária
Estado de conservação do edifício	Bom estado de conservação	Bom estado de conservação	Bom estado de conservação	Bom estado de conservação	Bom estado de conservação, intervenção em 1979	Bom estado de conservação, intervenção em 2005	Bom estado de conservação	Bom estado de conservação
Componente artística	Igreja possui pinturas bastante interessantes no tecto e no altar	Embora o edifício seja do século XIX, possui aspectos construtivos desde o período medieval	Fachada coberta com azulejo azul e branco de padrão geométrico					
Componente histórica	Foram cobrados impostos sobre o vinho e o trigo para ajuda à construção da nova Igreja Matriz			Serviço de Hospital de Sangue durante as lutas liberais			Construída por Vicente Ferreira Alfena e sua esposa, Luzia Antónia, devido à distância que se encontrava a Igreja Matriz, que devido às cheias os impediam, e aos habitantes de Alfena, de ir à missa	
Componente cultural				Frequentemente visitado por peregrinos vindos de vários locais do distrito do Porto				
Tranquilidade	Utilizada como templo religioso, possui tranquilidade característica destes espaços	Utilizada como templo religioso, possui tranquilidade característica destes espaços	Capela muito bonita, propicia a belos momentos de reflexão	Utilizada como templo religioso, possui tranquilidade característica destes espaços			Utilizada como templo religioso, possui tranquilidade característica destes espaços	Utilizada como templo religioso, possui tranquilidade característica destes espaços
“local sagrado” – “Espiritualidade”	Local sagrado. Continua a receber devotos, e continuam a ser celebradas missas e cerimónias religiosas	Local sagrado. Continua a receber devotos, e continuam a ser celebradas missas e cerimónias religiosas	Local sagrado, que continua a receber devotos	Local sagrado de adoração a Santa Rita	Conjunto religioso de devoção popular	Conjunto religioso de devoção popular	Local sagrado de adoração a N.º Sr.ª da Conceição	
“Mencionado na Bíblia ou outros textos sagrados”	Associada a Santos	Associada a Santos	Associada a Santos	Associado a Santa Rita			Associada a N.º Sr.ª da Conceição	

	Capela de S. Roque	Capela de S. Lázaro	Igreja Matriz de Alfena	Alminas do Padre Américo	Capela de N.ª Sr.ª da Encarnação	Capela de S. João Baptista	Capela de S. João da Azenha	Cruzeiro dos Morais
Estilo arquitectónico/arquitectura			Arquitectura religiosa modernista				Neoclássica	
Idade	Mandada edificar em 1599	Origem medieval	Executada entre 1964 e 1968	Edificada em 1959	Construída no século XVI	Construída nos anos 50 do século XX	Séc. XVII	Construída algures entre os séculos XVII e XVIII
Arquitecto			Alfredo Moreira da Silva					
Autenticidade do local	Local mantem-se autêntico	Remodelada em 1623	Local mantém-se autêntico, sem alterações na sua construção nem da sua utilidade. Continua a ser utilizada como templo religioso	Local mantem-se autêntico	Sofreu muitas obras de restauro ao longo dos séculos	Local mantém-se autêntico, sem alterações na sua construção nem da sua utilidade. Continua a ser utilizada como templo religioso	Foi alvo de vários restauros ao longo dos tempos	
Estado de conservação do edifício	Bom estado de conservação, restaurada nos anos 60 do século XX	Bom estado de conservação, restaurada nos anos 60 do século XX	Bom estado de conservação	Bom estado de conservação	Bom estado de conservação	Bom estado de conservação	Bom estado de conservação	Bom estado de conservação
Componente artística								
Componente histórica	Construída para afastar a peste que grassava na aldeia			Construída em memória do Padre Américo, no local onde se deu um acidente que o vitimou	Pertenceu às freiras do extinto convento da Ave-Maria no Porto	Construída por vontade do povo		
Componente cultural								
Tranquilidade		Utilizada como templo religioso, possui tranquilidade característica destes espaços	Utilizada como templo religioso, possui tranquilidade característica destes espaços		Utilizada como templo religioso, possui tranquilidade característica destes espaços	Utilizada como templo religioso, possui tranquilidade característica destes espaços	Utilizada como templo religioso, possui tranquilidade característica destes espaços	
“local sagrado” – “Espiritualidade”	Local sagrado de adoração a S. Roque	Local sagrado de adoração a S. Lázaro	Local Sagrado de adoração a Santos/ Deuses		Local sagrado de adoração a N.ª Sr.ª da Encarnação	Local sagrado de adoração a S. João Baptista	Local sagrado de adoração a S. João da Azenha	
“Mencionado na Bíblia ou outros textos sagrados”	Associada a S. Roque	Associada a S. Lázaro	Associada a Santos		Associada a N.ª Sr.ª da Encarnação	Associado a S. João Baptista	Associado a S. João da Azenha	

	Igreja Matriz de Campo	Capela de S. Silvestre	Cruzeiro da Igreja Matriz	Cruzeiro de S. Silvestre	Cruzeiro do Centenário	Igreja do Bom Pastor	Igreja Matriz de Ermesinde	Alminhas do Caminho Novo
Estilo arquitectónico/arquitectura			Barroco					
Idade	Edificada em 1904	Data de construção desconhecida, possui inscrição que diz "1711", data provável de reconstrução	Executada, possivelmente no séc. XVIII	Executado no séc. XVIII	Edificada em 1940	Construída entre 1957 e 1966	Inaugurada a 1981	Datadas de 173
Arquitecto								
Autenticidade do local	Local mantém-se autêntico, sem alterações na sua construção nem da sua utilidade. Continua a ser utilizada como templo religioso	Local mantém-se autêntico no que respeita à sua utilidade	Local mantem-se autêntico	Local mantem-se autêntico	Local mantem-se autêntico	Local mantém-se autêntico, sem alterações na sua construção nem da sua utilidade. Continua a ser utilizada como templo religioso	Local mantém-se autêntico, sem alterações na sua construção nem da sua utilidade. Continua a ser utilizada como templo religioso	Local mantém-se autêntico, sem alterações na sua construção nem da sua utilidade. Continua a ser utilizada como templo religioso
Estado de conservação do edifício	Bom estado de conservação	Bom estado de conservação	Bom estado de conservação	Bom estado de conservação	Bom estado de conservação	Bom estado de conservação	Bom estado de conservação	Bom estado de conservação
Componente artística	Exteriormente revistida de azulejo azul e branco que representam cenas bíblicas		Construída ao estilo barroco para se harmonizar com a antiga igreja				Feita em betão armado, obedecendo a uma estética moderna, tanto no exterior como no interior	
Componente histórica	Embora o actual edifício seja de 1904, integra aspectos construtivos desde o período medieval	Segundo algumas fontes, parece ter sido a primeira Igreja Matriz de Ermesinde	Incluído numa série dos cruzeiros do centenário em 1940, com colocação de placa comemorativa do evento		Edificado no âmbito da comemoração dos Centenários em 1940, pela Junta de Freguesia	Consagrada ao Divino Coração em cumprimento de um voto da Irmã Maria do Divino Coração, beatificada a 1 de Novembro de 1975	Veio substituir a igreja matriz antiga, demolida em 1969	
Componente cultural		Possui uma imagem muito venerada de S. Silvestre que é motivo de romaria todos os anos no dia 31 de Dezembro						De grande importância religiosa e um ponto de referência obrigatória na Bugiada
Tranquilidade	Utilizada como templo religioso, possui tranquilidade característica destes espaços	Utilizada como templo religioso, possui tranquilidade característica destes espaços				Utilizada como templo religioso, possui tranquilidade característica destes espaços	Utilizada como templo religioso, possui tranquilidade característica destes espaços	De grande importância religiosa e um ponto de referência obrigatória na Bugiada
“local sagrado” – “Espiritualidade”	Local sagrado.Continua a receber devotos, e continuam a ser celebradas missas e cerimónias religiosas	Possui uma imagem muito venerada de S. Silvestre	Conjunto religioso de adoração popular	Conjunto religioso de adoração popular	Conjunto religioso de adoração popular	Consagrada ao Divino Coração em cumprimento de um voto da Irmã Maria do Divino Coração, beatificada a 1 de Novembro de 1975	Possui Orago a S. Lourenço	
“Mencionado na Bíblia ou outros textos sagrados”	Azulejo azul e branco que representam cenas bíblicas	Associada a S. Silvestre					Associada a S. Lourenço	

	Capela de N.ª Sr.ª das Necessidades	Ermida e Cruzeiro de S. José	Igreja Matriz de Sobrado	Capela Antiga do Susão	Capela de N.ª Sr.ª da Hora	Capela de N.ª Sr.ª da Luz das Neves	Capela de N.ª Sr.ª dos Chãos	Capela de N. Sr. do Calvário
Estilo arquitectónico/arquitectura			barroco seiscentistas					
Idade	Datada de 1868	Construída nos inícios do século XX	A torre sineira construída em 1874. Interior de talha dourada e azulejo decorativo do século XVII	Datada do século XVIII	tradição popular diz que foi a primeira igreja de Valongo. Deconce-se a data de construção	Desconhece-se a data de construção	Edificada em 1625	Desconhece-se data da sua construção
Arquitecto								
Autenticidade do local	Local mantém-se autêntico, sem alterações na sua construção nem da sua utilidade. Continua a ser utilizada como templo religioso	Local mantém-se autêntico, sem alterações na sua construção nem da sua utilidade. Continua a ser utilizada como templo religioso	Local sofreu alterações e acrescentos ao longo do tempo, mantendo sempre a sua utilidade, como templo religioso	Actualmente serve de capela mortuária	Local mantém-se autêntico, sem alterações na sua construção nem da sua utilidade. Continua a ser utilizada como templo religioso	Local mantém-se autêntico, sem alterações na sua construção nem da sua utilidade. Continua a ser utilizada como templo religioso	Local mantém-se autêntico, sem alterações na sua construção nem da sua utilidade. Continua a ser utilizada como templo religioso	Local mantém-se autêntico, sem alterações na sua construção nem da sua utilidade. Continua a ser utilizada como templo religioso
Estado de conservação do edifício	Bom estado de conservação	Bom estado de conservação	Bom estado de conservação	Bom estado de conservação	Bom estado de conservação	Bom estado de conservação	Bom estado de conservação	Bom estado de conservação
Componente artística			Estrutura granítica, revestida a azulejo de padronagem azul e branco. Interior com talha dourada e azulejo decorativo do século XVII			Revestida a azulejo industrial verde, rectangular. Altar setucado, tecto e paredes pintados com figuras da Santa Padroeira		
Componente histórica		Edificada por 10 cristãos devotos de N.ª Sr.ª das Necessidades			Diz a tradição popular que foi a primeira igreja de Valongo	Foi transferida do centro da praça para a actual localização	Mandada erigir por Tomé António, mareante, como pagamento de promessa à Virgem Maria, por escapar a uma tempestade de alto mar. aa própria senhora teria indicado o local enviando uma pomba ao local	João Monteiro da Maia prometeu construir uma ermida se Valongo não fosse muito afectada pelas Invasões Francesas, no lugar do Calvário, onde existiam três cruzeiros
Componente cultural	Faz festa à sua padreira no 1º domingo de Setembro		Este local é palco de algumas das cenas mais significativas da Bugiada					
Tranquilidade		Utilizada como templo religioso, possui tranquilidade característica destes espaços			Utilizada como templo religioso, possui tranquilidade característica destes espaços	Utilizada como templo religioso, possui tranquilidade característica destes espaços	Utilizada como templo religioso, possui tranquilidade característica destes espaços	Utilizada como templo religioso, possui tranquilidade característica destes espaços
“local sagrado” – “Espiritualidade”	Local sagrado de adoração a N.ª Sr.ª das Necessidades		Local sagrado de adoração a St.ª André		Local sagrado de adoração a N.ª Sr.ª da Hora	Local Sagrado de adoração a N.ª Sr.ª da Luz	Local sagrado de adoração a N.ª Sr.ª dos Chãos	Local sagrado de adoração a N. Sr. do Calvário
“Mencionado na Bíblia ou outros textos sagrados”	Associada a N.ª Sr.ª das Necessidades	Dedicada a N.ª Sr.ª das Necessidades	Orago dedicado a St.ª André		Dedicada a N.ª Sr.ª da Hora	Dedicada a N.ª Sr.ª da Luz	Dedicada a N.ª Sr.ª dos Chãos	Dedicada a N. Sr. do Calvário

	Capela do Senhor dos Passos	Capela de S. Bartolomeu	Capela de S. Sabino	Capela de St.ª Justa	Capela Nova do Susão	Cruzeiro do Padrão	Cruzeiro do Sr. do Cantinho
Estilo arquitectónico/arquitectura						Barroco	
Idade	Construída em 1710	Desconhece-se data de construção	Edificada no século XI	Desconhece-se data de construção	Desconhece-se data de construção	Oitocentista	
Arquitecto							
Autenticidade do local	Local mantém-se autêntico, sem alterações na sua construção nem da sua utilidade. Continua a ser utilizada como templo religioso	Local mantém-se autêntico, sem alterações na sua construção nem da sua utilidade. Continua a ser utilizada como templo religioso	Restaurada e ampliada em 1870 e reconstruída em 1998	Local mantém-se autêntico, sem alterações na sua construção nem da sua utilidade. Continua a ser utilizada como templo religioso	Local mantém-se autêntico, sem alterações na sua construção nem da sua utilidade. Continua a ser utilizada como templo religioso	Cruzeiro mantém-se autêntico	Cruzeiro mantém-se autêntico
Estado de conservação do edifício	Bom estado de conservação	Bom estado de conservação	Bom estado de conservação	Bom estado de conservação	Bom estado de conservação	Bom estado de conservação	Bom estado de conservação
Componente artística	Fachada revestida a azulejo			Fachada coberta por azulejos amarelos e as paredes laterais caiadas	Revestimento a azulejo na fachada principal, com dois painéis que lateralizam a porta, no lado esquerdo N.ª Sr.ª da Saúde, no lado direito Santa Eufémia	Cristo tipicamente barroco. Base do monumento integra imagem de Santo António e referência ao sacramento da Eucaristia	
Componente histórica	João Vieira de Mesquita, desconfiado da infidelidade da mulher trouxe-a descalça até Fânzeres a uma quinta que tinha onde a encerrou. Mais tarde vendo que errara instituiu a Confraria dos Santos Passos. Serviu de igreja paroquial, enquanto durou a construção da mesma		Dedicada ao protector dos defecientes				Fazia parte da via sacra para as capelas de N.ª Sr.ª dos Chãos e de St.ª Justa
Componente cultural							
Tranquilidade	Utilizada como templo religioso, possui tranquilidade característica destes espaços	Utilizada como templo religioso, possui tranquilidade característica destes espaços	Utilizada como templo religioso, possui tranquilidade característica destes espaços	Utilizada como templo religioso, possui tranquilidade característica destes espaços	Utilizada como templo religioso, possui tranquilidade característica destes espaços		
“local sagrado” – “Espiritualidade”	Local sagrado de adoração ao Senhor dos Passos	Local sagrado de adoração a S. Bartolomeu	Local sagrado de adoração a S. Sabino	Local sagrado de adoração a St.ª Justa	Local sagrado de adoração a N.ª Sr.ª da Saúde, e a Santa Eufémia		
“Mencionado na Bíblia ou outros textos sagrados”	Dedicado a Senhor Passos	Dedicado a S. Bartolomeu	Dedicado a S. Sabino	Dedicado a St.ª Justa	Dedicado a N.ª Sr.ª da Saúde e a Santa Eufémia		

	http://circuitos.cityrama.pt/index.php?option=com_content&view=article&id=50&Itemid=98&lang=pt	http://circuitos.cityrama.pt/index.php?option=com_content&view=article&id=68%3Aantigo-de-compostela-tour&catid=38%3Acircuitos-turisticos-porto&Itemid=190&lang=pt	http://www.206tours.com/tour2/	http://www.206tours.com/tour7/	http://www.206tours.com/tour36/	http://www.206tours.com/tour47/
<u>NOME DO CIRCUITO</u>	Portugal Religioso	S. Compostela	Lourdes Retreat	Lourdes, Lisieux & Paris	Fátima Retreat – Lisboa, Santarém & Fátima	Fátima, Lisboa, Lourdes & Roma
<u>PATRIMÓNIO VISITADO</u>						
Património religioso	Mosteiro, Mosteiro, Santuário	Catedra	Cerimónias religiosas	Cerimónias religiosas, Catedral	Cerimónias religiosas, igreja, capela	Mosteiro Jerónimos, Basílica, Sé Catedral, Cerimónias religiosas, Mosteiro
Património não religioso	Muralha, Nazaré	centros históricos Santiago e Viana)	Opcional	Torre Eiffel, Arco Triunfal	Torre de Belém, Ponte 25 de Abril, Padrão dos Descobrimentos	Torre de Belém, Ponte 25 de Abril, Padrão, Rossio, Praça do Comércio, Praça Marquês de Pombal, Fonte
<u>TIPO DE ITENERÁRIOS</u>						
Em linha	X	X	X	X	X	X
Circular						
Distâncias percorridas/dias	2	1	8	8	8	13
Número de pat. Visitado	5	3	5 ou mais (opcional)	13 (maioria de cariz religioso)	15	+ de 15 (não é totalmente especificado)
Transporte utilizado	Autocarro turístico	Autocarro Turístico	Avião, autocarro turístico	Avião, autocarro turístico	Avião, autocarro turístico	Avião, Autocarro Turístico

Anexo II - Itenerários

	http://turismoreligioso.geostar.pt/programas/viagem-aos-paises-balticos-partida-lisboa-29-julho/129946/0-2	http://turismoreligioso.geostar.pt/programas/turquia-e-igrejas-da-anatolia-partidas-de-lisboa-6-ago/129945/0-2	http://turismoreligioso.geostar.pt/programas/peregrinacao-a-terra-santa-saida-de-lisboa-9-set/127336/0-2	http://turismoreligioso.geostar.pt/programas/peregrinacao-italia-padua-florenca-assis23-ago/127323/0-2	http://turismoreligioso.geostar.pt/programas/menino-jesus-praga-20-agosto-de-lisboa/136734/0-2	http://turismoreligioso.geostar.pt/programas/viagem-a-franca-a-2-de-agosto-de-lisboa/137339/0-2
<u>NOME DO CIRCUITO</u>	VIAGEM aos PAÍSES BÁLTICOS	TURQUIA e IGREJAS DA ANATÓLIA	Peregrinação à TERRA SANTA	PEREGRINAÇÃO ITÁLIA, Pádua, Florença	Menino Jesus de Praga	Viagem a França
<u>PATRIMÓNIO VISITADO</u>						
Património religioso	Igreja , Catedral	Igreja, Catedral	Igreja, Convento	Basílica, Igreja, cerimónia religiosa, Abadia, Capela	Catedral, Basílica, Igreja, cerimónia religiosa	Capela, Basílica, Abadia, Catedral, Igreja
Património não religioso	Castelo, Universidade Velha, Centro histórico, ruínas, Museu Etnográfico	Castelo, Centro histórico	Ruínas Romanas, Biblioteca	Praça, Palácio, Ponte, Coliseu, Arco, Fóruns	Bairro, Bastião, Edifícios Históricos, praça, Centro Histórico, Castelo, Torre, Ponte, Palácio	Rochedo, Castelo, Muralhas, Arco, Torre, Praça, Campos
<u>TIPO DE ITENERÁRIOS</u>						
Em linha	X	X	X	X	X	X
Circular						
Distâncias percorridas/dias	7	8	8	6	5	7
Número de pat. Visitado	29	18	38	25	25	18
Transporte utilizado	Avião, autocarro turístico	Avião, autocarro turístico		Avião, autocarro turístico	Avião, autocarro turístico	Autocarro turístico

Anexo II - Itenerários